



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
CURSO DE ARQUEOLOGIA



ISABEL CRISTINA LIRA DE SOUSA

“AS PAREDES TÊM OUVIDOS, MAS ELAS ENSINAM?”: A ARQUEOLOGIA DA
ARQUITETURA E DAS PICHAÇÕES COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE
ALTERNATIVA DO SISTEMA EDUCACIONAL DO IFPI ZONA SUL, DE TERESINA -
PI

TERESINA

2024

ISABEL CRISTINA LIRA DE SOUSA

“AS PAREDES TÊM OUVIDOS, MAS ELAS ENSINAM?”: A ARQUEOLOGIA DA
ARQUITETURA E DAS PICHACOES COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE
ALTERNATIVA DO SISTEMA EDUCACIONAL DO IFPI ZONA SUL, DE TERESINA -
PI

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Arqueologia da Universidade
Federal do Piauí, como requisito obrigatório
para obtenção do Título de Bacharel em
Arqueologia.

Orientadora: Dra. Fernanda Codevilla Soares

TERESINA

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Sistema de Bibliotecas UFPI - SIBi/UFPI
Biblioteca Setorial do CCN

S725p Sousa, Isabel Cristina Lira de .
 “Ass paredes têm ouvido, mas elas ensinam?”:a arqueologia da
 arquitetura e das pichações como ferramenta de análise alternativa
 do sistema educacional do IFPI zona Sul, de Teresina - PI / Isabel
 Cristina Lira de Sousa. -- 2024.
 84 f. : il. color.

 Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Piauí.
 Centro de Ciências da Natureza. Bacharelado em Arqueologia e
 Conservação de Arte Rupestre, Teresina, 2024.
 “Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Codevilla Soares”.

 1. Arqueologia. 2. Arquitetura escolar. 3. Pichações. I. Soares,
 Fernanda Codevilla. II. Título.

CDD 930.1

Bibliotecária: Caryne Maria da Silva Gomes - CRB3/1461

ISABEL CRISTINA LIRA DE SOUSA

“AS PAREDES TÊM OUVIDOS, MAS ELAS ENSINAM?”: A ARQUEOLOGIA DA
ARQUITETURA E DAS PICHACOES COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE
ALTERNATIVA DO SISTEMA EDUCACIONAL DO IFPI ZONA SUL, DE TERESINA -
PI

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Arqueologia da Universidade
Federal do Piauí, como requisito obrigatório
para obtenção do Título de Bacharel em
Arqueologia

Aprovado em 17 de janeiro de 2025.

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente

FERNANDA CODEVILLA SOARES

Data: 02/04/2025 14:32:27-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Fernanda Codevilla Soares (orientadora)

Universidade Federal do Piauí



Documento assinado digitalmente

ANDRES ZARANKIN

Data: 26/03/2025 10:31:26-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Andres Zarankin

Universidade Federal de Minas Gerais

Assinado eletronicamente

Prof. Dr. Vinícius Melquiades dos Santos

Universidade Federal do Piauí

Página de assinaturas

Assinado eletronicamente

VINICIUS SANTOS

065.513.426-39

Signatário

HISTÓRICO

- | | | |
|-------------------------|---|---|
| 01 abr 2025
08:44:09 |  | VINICIUS MELQUIADES DOS SANTOS criou este documento. (Email: melquiadesvinicius@gmail.com, CPF: 065.513.426-39) |
| 01 abr 2025
08:44:10 |  | VINICIUS MELQUIADES DOS SANTOS (Email: melquiadesvinicius@gmail.com, CPF: 065.513.426-39) visualizou este documento por meio do IP 82.154.123.209 localizado em Lisbon - Lisbon - Portugal |
| 01 abr 2025
08:44:13 |  | VINICIUS MELQUIADES DOS SANTOS (Email: melquiadesvinicius@gmail.com, CPF: 065.513.426-39) assinou este documento por meio do IP 82.154.123.209 localizado em Lisbon - Lisbon - Portugal |



AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar esta parte citando uma cantora estadunidense que foi a trilha sonora de toda a minha graduação: Taylor Swift. Na música “You’re On Your Own, Kid” (2022), ela canta: “Tudo que você perde é um passo que você dá. Então faça pulseiras da amizade, agarre o mundo e saboreie. Você não tem motivos para ter medo”. Inspirada por essas palavras, aproveito para expressar minha gratidão a pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que esta monografia fosse possível. A elas, eu dedicaria uma pulseira da amizade, como símbolo do afeto que recebi, seja de maneira direta ou indireta, ao longo dessa jornada.

Primeiramente, quero expressar minha profunda gratidão à minha querida orientadora, Dra. Fernanda Codevilla Soares. Durante todo o processo de elaboração desta monografia, desde as primeiras ideias até os ajustes finais, ela esteve sempre ao meu lado, me incentivando com paciência, dedicação e uma gentileza imensurável.

Também quero agradecer ao corpo docente da Arqueologia, onde suas orientações, compreensão e compromisso com a educação foram fundamentais para minha formação acadêmica. Em especial, quero agradecer a Dra. Maria Conceição Lage pelos projetos de pesquisa, aos professores Dra. Ana Luísa Nascimento, Dr. Benedito Farias Filho, Me. Elaine Ignácio, Dra. Jóina Borges e Dra. Fernanda Codevilla pelos projetos de extensão e ao professor Dr. Ângelo Corrêa pelos estágios em laboratório. Também quero agradecer ao Instituto Federal do Piauí, tanto pela educação de qualidade que tive durante o ensino médio como pelo apoio que me deram durante a minha pesquisa.

Agradeço também à minha família, que sempre esteve ao meu lado: minha mãe, Daniely; minha avó, Francisca; minha irmã, Manuela; meu padrasto, Fábio; meu tio, Danilo; e minha tia, Chaguinha. Vocês foram meu porto seguro em todos os momentos. E, claro, não poderia deixar de mencionar meus companheiros de quatro patas: Estela, Louis Fernando e Irene, que trouxeram alegria e conforto às minhas jornadas.

Meus agradecimentos também vão para as minhas amigas Bruna Silva (Castanhal - PA), Carolaine Queiroz (Salvador - BA) e Iasmim Petacci (Ribeirão Preto - SP). Apesar da distância geográfica, senti o apoio e a torcida de cada uma de vocês em todos os momentos. Aos amigos que conheci na graduação, especialmente Hudna Aléxia, Livia Regina e Ana Carolina, agradeço por cada momento de companheirismo e aprendizado compartilhado.

Por fim, quero fazer um agradecimento especial a mim mesma. Obrigada por chegar até aqui. Espero que o futuro seja deslumbrante.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Corredor interno do Edifício 2 da Casa Azul.....	16
Figura 02: Gráfico da Análise Gamma do Edifício 2 do complexo Casa Azul.....	17
Figura 03: Representação de modelo panóptico.....	18
Figura 04: Área interna da Escola Cívico Militar Antônio Inácio de Oliveira, em Altos-PI...	19
Figura 05: Modelo Gamma aplicado em uma das escolas de Buenos Aires, Argentina.....	21
Figura 06: Desenho encontrado nas paredes do HPNI.....	22
Figura 07: Boneco de pano com algema confeccionado por um interno do Hospital Colônia de Barbacena.....	24
Figura 08: Grafismos no teto da Penitenciária Zeca Rúben, São Raimundo Nonato-PI.....	26
Figura 09: Muro pichado em Belo Horizonte.....	28
Figura 10: Fotografia de Paulo Fischer da vista parcial da fachada das fábricas, 2012.....	29
Figura 11: Planta de apartamento com três quartos.....	33
Figura 12: Definição dos nós do imóvel e legenda discriminando os cômodos.....	34
Figura 13: Conexões formadas a partir da ligação dos cômodos.....	34
Figura 14: Evolução da construção do gráfico.....	35
Figura 15: Gráfico resultante da aplicação do Modelo Gamma.....	36
Figura 16: Ficha de análise com os atributos analisados.....	39
Figura 17: Mapa com a localização dos Institutos Federais Encontrados em Teresina.....	44
Figura 18: Imagem área do IFPI - Teresina Zona Sul.....	45
Figura 19: Planta geral do Instituto Federal do Piauí - Campus Teresina Zona Sul.....	47
Figura 20: Estrutura de cobertura feita de concreto no IFPI - CTZS.....	48
Figura 21: Planta numerada do IFPI - CTZS.....	49
Figura 22: Tabela numerada dos cômodos do IFPI - CTZS.....	52
Figura 23: Planta numerada com as possibilidades de locomoção pela instituição.....	53
Figura 24: Gráfico resultante do Modelo Gamma.....	54
Figura 25: Blocos circulados.....	55
Figura 26: Localização do Bloco A no gráfico.....	56
Figura 27: Localização do Bloco B no gráfico.....	56
Figura 28: Localização do Bloco C no gráfico.....	57
Figura 29: Localização do Bloco D no gráfico.....	57
Figura 30: Localização do Bloco E no gráfico.....	58
Figura 31: Localização do Bloco F no gráfico.....	58

Figura 32: Localização do Bloco G no gráfico.....	59
Figura 33: Localização do Bloco H no gráfico.....	59
Figura 34: Localização de outras movimentações no gráfico.....	60
Figura 35: Espaços de sociabilidade no IFPI - CTZS.....	61
Figura 36: Gráfico das categorias de intervenções em paredes.....	62
Figura 37: Pichação em paredes.....	63
Figura 38: Cartazes colados em quadros de avisos.....	63
Figura 39: Placa de formatura.....	63
Figura 40: Gráfico referente ao suporte das pichações.....	63
Figura 41: Gráfico referente à durabilidade das pichações.....	63
Figura 42: Gráfico referente ao tipo das pichações.....	64
Figura 43: Gráfico referente ao material usado nas pichações.....	64
Figura 44: Gráfico referente à localização das pichações.....	64
Figura 45: Gráfico referente à visibilidade das pichações.....	65
Figura 46: Gráfico referente ao conteúdo das pichações.....	65
Figura 47: Pichação com conteúdo diverso.....	65
Figura 48: Pichação com declaração de amor.....	65
Figura 49: Pichação com mensagem de saúde mental.....	66
Figura 50: Pichação com símbolo do comunismo.....	66
Figura 51: Pichação com Protesto.....	66
Figura 52: Pichação com conteúdo sobre Sexualidade.....	66
Figura 53: Pichação com Mídias sociais.....	66
Figura 54: Quadro repleto de pichações dos alunos, localizado no cômodo 91.....	66
Figura 55: Pichação com a frase “o sistema escolar... mata”.....	67
Figura 56: Pichação escrita “odeio essa maldita escola. Vou cagar na boca de vocês”.....	67
Figura 57: Gráfico referente ao suporte dos cartazes colados.....	68
Figura 58: Gráfico referente à durabilidade dos cartazes colados.....	68
Figura 59: Gráfico referente ao tipo dos cartazes colados.....	68
Figura 60: Gráfico referente ao material usado nos cartazes colados.....	68
Figura 61: Gráfico referente à localização dos cartazes colados.....	68
Figura 62: Gráfico referente à visibilidade dos cartazes colados.....	68
Figura 63: Gráfico referente ao conteúdo dos cartazes colados.....	69
Figura 64: Cartaz colado sobre saúde mental.....	70

Figura 65: Cartaz colado sobre saúde.....	70
Figura 66: Cartaz colado com avisos.....	70
Figura 67: Cartaz colado sobre eventos.....	70
Figura 68: Gráfico referente ao suporte das placas afixadas.....	71
Figura 69: Gráfico referente à durabilidade das placas afixadas.....	71
Figura 70: Gráfico referente ao tipo das placas afixadas.....	71
Figura 71: Gráfico referente ao material usado nas placas afixadas.....	71
Figura 72: Gráfico referente à localização das placas afixadas.....	71
Figura 73: Gráfico referente ao suporte das placas afixadas.....	71
Figura 74: Gráfico referente ao conteúdo das placas afixadas.....	72
Figura 75: Placa de formatura.....	73
Figura 76: Placa afixada a partir da qual avisos poderiam ser colados	73
Figura 77: Placa afixada com ordens.....	73
Figura 78: Placa com conteúdo ausente.....	73
Figura 79: Corredor repleto de placas de formatura.....	74

RESUMO

Neste trabalho exploro a relação entre construções, especialmente escolas, e a Arqueologia, tratando-as como "superartefatos" (Najjar e Duarte, 2002), que revelam aspectos culturais, sociais e históricos. Defendo que as construções comunicam as intenções de quem as ergueu, utilizou, abandonou e reutilizou, oferecendo pistas sobre identidades e práticas sociais. Minha análise se baseia nos estudos de Zarankin (2001), que investigou a arquitetura escolar capitalista em Buenos Aires, e de Moreira (2015, 2021), que pesquisou instituições psiquiátricas em Minas Gerais, entre outros. Zarankin (2001) argumenta que as escolas desempenham um papel fundamental na domesticação dos indivíduos e na perpetuação de valores capitalistas. Partindo dessa perspectiva, voltei meu olhar para o contexto de Teresina, escolhendo o Instituto Federal do Piauí (IFPI), onde cursei o Ensino Médio, como objeto de estudo. O objetivo do meu trabalho é analisar os discursos não-verbais expressos pelo prédio do IFPI, com foco na espacialidade de sua edificação por meio do Modelo Gamma. Porém, para além do discurso revelado pela sintaxe espacial, considero essencial investigar como ele pode ter sido incorporado, parcialmente apropriado ou rejeitado pelos variados grupos de ocupantes da instituição. Ou seja, questiono se professores, estudantes, funcionários e terceirizados percebem o espaço escolar do IFPI de maneira semelhante. Será que o poder é a única interpretação possível das paredes da instituição? Onde há poder, há resistência ou só aceitação passiva à ele? Motivada por estes questionamentos, busco compreender como os diferentes grupos sociais que ocupam o espaço interagem com ele, assim, me debruço sobre manifestações realizadas nas paredes, como pichações, cartazes, placas e outras, como fonte complementar de informação. Também reflito sobre como a arquitetura e as manifestações nas paredes influenciam o processo de ensino-aprendizagem no IFPI e o papel que desempenham na formação dos indivíduos.

Palavras-chave: Arqueologia, Arquitetura, Pichações, Escolas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: APENAS UM TIJOLO NO MURO - ARQUEOLOGIA, USOS E CONTRA-USOS DAS PAREDES.....	15
1. 1. Disciplina e Controle: Estudos associados à Arqueologia da Arquitetura.....	18
1. 2. Estudo alternativo das paredes a partir da Arqueologia das pichações.....	25
CAPÍTULO II: UMA METODOLOGIA ARQUEOLÓGICA PARA A ARQUITETURA....	31
2.1. A aplicação do modelo Gamma.....	32
2.2. Análise de elementos riscados, pichados, gravados, colados e afixados nas paredes escolares.....	38
CAPÍTULO III: O QUE DIZEM AS PAREDES DO INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ?..	42
3.1. Controle, mas nem tanto: a aplicação do Modelo Gamma no IFPI.....	46
3.2. Contravenção, mas nem tanto: análise das manifestações das paredes do IFPI.....	62
3. 3. Entrelaçando as informações.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
BIBLIOGRAFIA.....	80

INTRODUÇÃO

As paredes têm ouvidos. Mas elas ensinam?

Tal como pedaços de louças, pinturas rupestres e rochas trabalhadas com mil anos (ou mais) de existência, construções também se caracterizam como artefatos arqueológicos, geralmente denominados “superartefatos”. Assim como muitos vestígios arqueológicos, esses elementos podem indicar tradições religiosas, classes sociais, identidades (sociais, de gênero, étnicas, etc.) e outros traços culturais. As paredes dos prédios podem comunicar a intencionalidade de quem as ergueu, utilizou, abandonou e reutilizou.

As igrejas, por exemplo, insinuam que ali é um lugar de fé, respeito e recato — ou de opressão, dependendo da sua religião. Os shoppings centers estão associados ao lazer, à diversão, ao consumo ou à segregação, dependendo de sua condição social. Os prédios escolares não são isentos de tal interpretação, conforme tentarei debater ao longo da minha monografia.

Quando se pensa em escolas, uma série de questionamentos costumam surgir: Qual é o método de ensino-aprendizagem? Quem são as professoras ou os professores? Qual é o valor da mensalidade? As aulas ocorrem pela manhã ou à tarde? Qual é a taxa de aprovação no vestibular? Perguntas corriqueiras e importantes ao se escolher uma escola para o ensino dos filhos ou para si mesmo. Entretanto, para além do exposto, este trabalho pretende discutir como o conceito de escola também deve contemplar o prédio no qual os processos educacionais ocorrem. A pesquisa busca questionar como um prédio escolar interfere no ensino-aprendizagem e nas relações estabelecidas em seu interior.

Esse tipo de debate foi realizado na tese de doutorado de André Zarankin (2001), intitulada *Paredes que Domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista: O caso de Buenos Aires*. As razões que levaram Zarankin (2001) a desenvolver essa pesquisa relacionam-se a uma conversa sobre um jogador de futebol famoso que, na época, se envolveu em uma polêmica devido a problemas com o consumo de substâncias ilícitas. Durante a conversa, um dos argumentos apresentados, que justificaria o envolvimento do jogador com tais substâncias, foi a “má educação” dele (referindo-se ao seu processo de ensino), já que havia nascido em uma favela e estudado em escolas públicas (Zarankin, 2001, p. VI). Refletindo sobre a “má qualidade do ensino público” e utilizando o caso do jogador como justificativa para expor que a educação gratuita é falha, Zarankin (2001) questionou o que seria o ensino de qualidade argentino. De forma pessoal, o autor explica seu envolvimento com o tema:

Escrever este trabalho representou um enfrentamento com minhas próprias contradições em relação à escola e à educação. Foi preciso começar a questionar aspectos que faziam parte do meu senso comum, e, portanto, sempre estiveram fora de questão. Também tive de aceitar que muito dos valores que considerava vinculados à capacidade pessoal de cada indivíduo eram unicamente máscaras para legitimar uma realidade desigual. Assim, meu trabalho acaba por discutir uma estratégia de dominação à qual, sem querer, pertenci e que sempre defendi (Zarankin, 2001, p. VII).

Segundo Zarankin (2001, p. 50), a arqueologia pode ser entendida como a ciência que investiga o meio social por meio da cultura material. Nesse contexto, a arquitetura é vista como uma manifestação das interações sociais e culturais do ambiente em que está inserida. Portanto, uma edificação, como uma escola, contribui para a perpetuação dos valores do sistema capitalista, uma vez que é tanto produto quanto produtora desse meio social.

Na manutenção desse sistema, e para que sejam perpetuadas as necessidades de se trabalhar mais de oito horas por dia, morar em um apartamento pequeno — aceitando pagar um aluguel caro por ele por estar próximo ao trabalho — e alimentar a perspectiva de “ser alguém na vida”, a escola desempenha um papel fundamental no processo de domesticação dos indivíduos. Esse argumento pode ser ilustrado, por exemplo, no clipe *Another Brick in The Wall*, da banda inglesa Pink Floyd (1979). Nele, é utilizada uma licença poética (transformando crianças plastificadas em salsichas) para representar a escola como uma fábrica que aliena as pessoas, retirando sua humanidade. No próprio refrão, em que a banda canta “All in all, you're just another brick in the wall” (“Em suma, você é apenas um tijolo no muro”, em tradução livre), evidencia-se uma crítica à falta de individualidade, autonomia e originalidade dos sujeitos após passarem pelas escolas.

Para Zarankin (2001), como mencionado anteriormente, falar sobre a arqueologia da arquitetura foi um trabalho difícil e pessoal. A escolha de Buenos Aires foi intencional, pois foi o lugar onde ele nasceu, viveu a infância e adolescência, e construiu parte de sua carreira acadêmica. Além disso, a cidade foi a primeira a construir prédios escolares, ainda no século XIX, o que tornou o estudo sobre arqueologia da arquitetura escolar ainda mais atraente. Da mesma forma que o autor, por motivos pessoais, escolhi estudar minha cidade natal: Teresina! Esta é a única capital do Nordeste que não tem praia, um lazer comum em uma região formada próxima à linha do Equador. Apesar de ser uma capital, Teresina é uma cidade pequena em comparação à maioria das capitais brasileiras. Além de suas temperaturas escaldantes, a cidade vem ganhando destaque por sua educação pública, que apresenta índices elevados no contexto nacional. Em 2020, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

(IDEB) anunciou, pela segunda vez, que Teresina é a capital com a melhor educação pública do país.

Além disso, o estado do Piauí, de forma geral, tem registrado índices acima do esperado. Dois anos depois, o Ministério da Educação confirmou que Teresina ainda mantinha esse título. Das vinte notas máximas (nota mil) no ENEM 2022, uma delas foi de uma estudante teresinense do ensino privado. A exemplo dessa nota máxima, a quantidade de outdoors que preenchem a paisagem teresinense com aprovações em primeiro lugar nos vestibulares evidencia, contudo, que esses dados não representam todo o sistema de ensino teresinense. No geral, a mensagem transmitida por essa publicidade torna evidente que a educação particular é vista como superior à pública.

Esse mercado educacional privado, grande e seletivo, atrai os alunos com maiores recursos culturais e os faz concorrer pelo ingresso e pela progressão nas escolas mais seletivas. Isso traz como consequência a “descapitalização” da rede pública de ensino, pois as matrículas públicas são formadas, em sua quase totalidade, por alunos egressos dos cerca de 85% da população local habitante em regiões com a mais alta vulnerabilidade social, uma população com baixa diferenciação social, formada majoritariamente por alunos de famílias com mais baixos recursos culturais letrados e escolares (Érnica, 2013, p. 531).

Tendo em vista tratar-se de uma característica marcante da cidade, a rede de ensino de Teresina já foi estudada por diversas especialidades: análises climatológicas, arquitetônicas e pedagógicas, incluindo pesquisas sobre as escolas estaduais e os colégios confessionais católicos (Érnica, 2013; Silva, 2017; Sousa, 2013). Pesquisas como essas são fundamentais para compreender como funciona o processo de ensino-aprendizagem local. Todavia, nenhuma delas teve como enfoque a arquitetura das escolas em si, ou seja, não há uma perspectiva realmente voltada para o estudo do prédio escolar como um superartefato e de que forma ele influencia na formação dos estudantes e nas intenções educacionais da instituição.

Ainda que tenha sido uma escolha pessoal aplicar os métodos e técnicas da Arqueologia da Arquitetura em uma escola de Teresina, considerando o alinhamento com as possibilidades interpretativas que essas ferramentas oferecem em um estudo arqueológico, o estudo de caso foi definido pelas circunstâncias. Mesmo tendo manifestado, em vários momentos, receio e insegurança em analisar o Instituto Federal do Piauí (IFPI) – Campus Teresina Zona Sul, por ser o local onde cursei o ensino médio e técnico, esta foi a primeira escola a demonstrar interesse ativo em contribuir com minha pesquisa.

Inicialmente, escolhi estudar uma escola particular de Teresina, o Colégio Sagrado Coração de Jesus (também conhecido como “Colégio das Irmãs”), por saber que é uma das

instituições mais antigas da cidade, com um prédio de arquitetura imponente, localizado no centro, além de ser a primeira escola destinada exclusivamente às mulheres em Teresina. No entanto, mesmo após várias tentativas — incluindo ligações, envio de e-mails, ofícios da coordenação do curso e uma visita in loco acompanhada pela minha orientadora —, não obtive o aceite da diretoria da escola para realizar a pesquisa, nem consegui acesso à planta do prédio nos arquivos da cidade. Diante dessas dificuldades, optei por estudar outro local, priorizando um contato mais acessível com os dirigentes. Assim, acabei escolhendo o IFPI, justamente por ser a instituição onde cursei o ensino médio e o curso técnico em Vestuário entre 2016 e 2019.

As razões pelas quais eu, inicialmente, não queria realizar minha pesquisa sobre esse colégio eram bastante simples: tendo passado minha adolescência no local, minhas lembranças se misturavam aos anseios e desafios dessa fase da vida, e nem todos eu gostaria de reviver. No entanto, desde o primeiro contato que eu e minha orientadora fizemos com os dirigentes do IFPI, fomos recebidas com muita cordialidade. O diretor, Germano Lúcio, ofereceu todo o apoio necessário, designando o Sr. Paulo André, diretor do Departamento de Administração e Planejamento (DEPAP), para nos acompanhar durante o trabalho de campo e fornecer as plantas do prédio que precisávamos. Foi, de fato, uma excelente escolha, e sou profundamente grata por toda a ajuda recebida.

Retornar à escola, agora acompanhada pela minha orientadora e redescobrimo os corredores que percorri por tantos anos, não apenas transformou muitas das percepções que eu tinha sobre o lugar, mas também abriu novos caminhos para minha pesquisa. Em vez de limitar minha análise à forma como a arquitetura contribui para a construção de uma escola como espaço de poder, caminhar pela escola, reavivar memórias e contrastar minhas impressões com as da minha orientadora, me instigou a refletir sobre como esse espaço é vivido de maneiras distintas por quem o frequenta. Pensar nas paredes do IFPI como artefatos arqueológicos foi um desafio enriquecedor, que me permitiu revisitar o local sob uma nova perspectiva. Essa experiência foi além das minhas emoções juvenis, proporcionando uma compreensão mais profunda e multifacetada do lugar.

Feita esta breve introdução, é necessário destacar que o objetivo geral deste trabalho é analisar o processo de ensino-aprendizagem no Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Zona Sul, utilizando a materialidade, com ênfase na arquitetura e nas manifestações presentes nas paredes, como a principal fonte de informação. Os objetivos específicos envolvem a realização de um levantamento bibliográfico sobre estudos de Arqueologia da Arquitetura, classificando-os nas principais abordagens teórico-metodológicas da disciplina, bem como a

avaliação crítica do processo de ensino-aprendizagem da rede pública de Teresina, dando destaque aos discursos não verbais expressos pela arquitetura, a espacialidade da edificação, pichações, cartazes e outras manifestações presentes nas paredes. Para colocar em prática a pesquisa, realizei uma análise da planta do prédio do Instituto Federal do Piauí, aplicando o modelo Gamma, com o objetivo de discutir a distribuição espacial da edificação e seus limites metodológicos. Também investiguei como o prédio é vivido pelos seus ocupantes diários, com foco nas pichações nos banheiros, corredores, cartazes e outras manifestações registradas nas paredes, criando uma metodologia específica para essa análise. O desenvolvimento deste trabalho, portanto, integra as perspectivas da Arqueologia da Arquitetura e das Pichações para discutir o papel das paredes das escolas como materialidades importantes na formação dos estudantes que nela convivem.

O presente trabalho está organizado em três capítulos, cada um abordando aspectos específicos e complementares da pesquisa. No Capítulo I, intitulado “Arqueologia, usos e contra-usos da arquitetura”, exploro as diferentes formas como a Arqueologia aborda o estudo da arquitetura. Apresento exemplos de pesquisas já realizadas e destaco as informações extraídas dos superartefatos, com ênfase em seus usos e contra-usos. Além disso, realizo uma revisão sobre a Arqueologia das Pichações, buscando fundamentos conceituais e práticos que subsidiem o estudo das manifestações presentes nas paredes do IFPI.

No Capítulo II, denominado “Uma metodologia arqueológica para a arquitetura”, detalho os métodos de análise adotados nesta monografia. Apresento o processo investigativo que guiou o estudo, fundamentado na Sintaxe Espacial e na criação de uma ficha analítica para examinar as manifestações encontradas nas paredes da instituição. Descrevo minuciosamente as etapas e os conceitos que embasaram a abordagem metodológica, destacando sua relevância para a pesquisa.

Por fim, no Capítulo III, intitulado “O que dizem as paredes do Instituto Federal do Piauí”, aprofundo o estudo de caso. Início com uma contextualização sobre a criação dos Institutos Federais, ressaltando as razões que motivaram o estabelecimento de escolas de educação técnica e pública. Em seguida, apresento o Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Zona Sul, descrevendo seu espaço, características arquitetônicas, cursos ofertados e outros detalhes relevantes. Concluo o capítulo com os resultados das análises realizadas e as interpretações possíveis a partir das manifestações estudadas.

CAPÍTULO I: APENAS UM TIJOLO NO MURO - ARQUEOLOGIA, USOS E CONTRA-USOS DAS PAREDES

Conforme mencionado anteriormente, na Arqueologia, a materialidade constitui uma fonte crucial de informações sobre determinado período, local e comunidade. Elementos como arte rupestre, cerâmica, rochas lascadas ou polidas, louças, metais, vidros e, no caso desta pesquisa, a arquitetura, são essenciais para compreender tanto o passado quanto o presente. Sob a ótica arqueológica, a arquitetura é considerada um artefato de grande porte, ou "superartefato". Embora não seja analisada em mesas de laboratório, como ocorre com outros materiais, nada impede que seja estudada por arqueólogos, pois também contém informações valiosas sobre a história, as práticas e os modos de vida de uma sociedade.

[...]uma edificação é um superartefato, construído pelo homem que, necessariamente, está inserido num dado tempo e espaço e, deste modo, carregado de valores e simbolismos. As edificações são, assim, produto e produtoras de relações sociais, as quais pretendemos desvelar para melhor conhecermos o bem que temos o dever de preservar.[...](Najjar e Duarte, 2002, p.11)

Conforme Najjar e Duarte (2002) e Zarankin (2001), do ponto de vista arqueológico, a arquitetura é um bem social que reflete e age sobre a sociedade. Ou seja, ela é produto dessa sociedade, portanto portadora de significados e, ao mesmo tempo, age na formação/domesticação de pessoas e do meio social, sendo, dessa forma, produtora ou geradora de sentidos.

Os estudos de Arqueologia da Arquitetura se ramificam em uma diversidade de abordagens, as quais podem ser classificadas em três grupos principais: a) aquelas que estudam tipologias e reformas dos prédios; b) aquelas que possuem uma perspectiva mais interpretativa; e c) aquelas associadas a estudos fenomenológicos.

O primeiro grupo de estudos tem como ênfase as tipologias das edificações, analisando estilos arquitetônicos, materiais de construção, datação e as mudanças dos prédios (reformas) ao longo do tempo. Um exemplo desse tipo de abordagem é o estudo de Corrêa (2007), que analisou a Catedral Metropolitana de Manaus. Nesse estudo, o autor discute o surgimento da Catedral em 1858, construída como uma capela com linhas neoclássicas, apresentando sua fachada, seu interior e como as pesquisas arqueológicas registraram os tipos e a quantidade de mudanças ocorridas neste prédio ao longo do tempo.

O segundo grupo de abordagens leva em conta aspectos econômicos, sociais, étnicos ou religiosos associados à arquitetura, analisando tanto suas fachadas quanto sua

espacialidade. A partir dessas análises, são realizadas discussões sobre ideologia, simbologia e estratégias de poder e/ou resistência. Nesse grupo de pesquisas, incluem-se os trabalhos de Zarankin (2001) e Moreira (2015, 2021), que irei explicar posteriormente.

A última abordagem dedica-se a analisar a sensorialidade e a corporalidade associadas à arquitetura, utilizando a fenomenologia como base. Essa perspectiva defende que a materialidade (incluindo as edificações) não é lida pelo sujeito como um livro, mas vivida e percebida corporalmente (Lemos, 2019, p. 39). Estudos arqueológicos fenomenológicos incluem, por exemplo, a tese de doutorado de Caroline Murta Lemos (2019), intitulada “Arquitetando o terror: um estudo sensorial dos centros de detenção oficiais e clandestinos da ditadura civil-militar do Brasil (1964-1985)”. A autora tem como objetos de estudo o Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) e o Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), na cidade de São Paulo-SP, a Casa Azul de Marabá-PA e a Casa da Morte de Petrópolis-RJ. Além de utilizar o Modelo Gamma, a autora recorreu à análise das estratégias repressivas por meio de experiências sensoriais ou corporais. De acordo com Pallasmaa (2011, apud Lemos, 2019, p. 71), a arquitetura é experimentada de forma multissensorial, não apenas visual e abstrata, mas também corporal. Na tese, Lemos (2019) analisa, por exemplo, as formas de isolamento e segregação — como a proibição de comunicação verbal e o encarceramento em regime solitário — encontradas na Casa Azul, as quais podem ser percebidas materialmente e que funcionavam como gatilhos sensoriais (Lemos, 2019, p. 343).



Figura 01: Corredor interno do Edifício 2 da Casa Azul. Fonte: Caroline Lemos, 2019, p. 311.

1. 1. Disciplina e Controle: Estudos associados à Arqueologia da Arquitetura

Para explicar sobre Arqueologia da Arquitetura, recorro, inicialmente, a Zarankin (2001), que afirma que a arquitetura cria limites artificiais onde o corpo é aprisionado e se torna domesticado a partir de um discurso não verbal. Dessa forma, a construção do espaço no Mundo Moderno também se manifesta como uma forma de controle, vigiando os indivíduos.

Zarankin (2001) utiliza Foucault (1987) para explicar de que maneira a arquitetura cria limites, vigia e controla indivíduos. Segundo eles, o panoptismo é um dispositivo fundamental dessas ideias. De acordo com Foucault (1987), o dispositivo panóptico induz o indivíduo a um estado de consciência sobre sua própria visibilidade, que o torna comportado pela constante sensação de vigilância. O panoptismo é observado em locais denominados espaços de poder, que apresentam limites artificiais intencionalmente criados para a domesticação e disciplinarização dos indivíduos.



Figura 3: Representação de modelo panóptico. Fonte: JusBrasil. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/panoptismo-reflexoes-atuais-sobre-vigilancia-e-controle/505281987>. Acesso em 17 de junho de 2024.

De acordo com Foucault (1987), o modelo panóptico foi criado durante o século XVII pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham. Embora a vigilância e o controle possam ser percebidos em qualquer espaço de poder (já observei essa aplicação de modelo em uma escola

cívico-militar em Altos-PI, e acredito que tenha sido completamente intencional)¹, o panoptismo foi inicialmente pensado como um modelo de penitenciária ideal.

Nesse modelo de prisão, o prédio possuía formato circular, nas bordas ficavam localizadas as celas e no centro havia uma torre de vigilância. Ou seja, do centro era possível observar tudo o que acontecia ao redor. Foucault (1987) destaca que, mesmo na ausência de um vigia, a própria torre e o formato da edificação desempenhavam o papel de vigilância sobre os detentos.

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade e seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores.[...] (FOUCAULT, 1999, p.224-225).



Figura 4: Área interna da Escola Cívico Militar Antônio Inácio de Oliveira, em Altos-PI. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 27 de novembro de 2023.

Segundo Foucault (1987), este tipo de construção panóptica, inicialmente pensada para prisões, foi estendido para outros tipos de edificações, as chamadas edificações totais, fazendo parte da forma como concebemos a arquitetura de escolas, hospitais, instituições psiquiátricas, escolas, unidades domésticas e outros espaços. A arquitetura da sociedade

¹ Na ocasião, participava de um evento de extensão do Grupo de Educação Patrimonial e Arqueologia (GEPAR), coordenado pela prof^a Me. Elaine Ignácio, da UFPI na Escola Cívico Militar Antônio Inácio de Oliveira, na cidade de Altos-PI.

moderna, mesmo sem ter uma torre de controle, acaba, em grande parte, reproduzindo esse modelo disciplinar, desempenhando, através de um discurso não verbal, mensagens de vigilância, domesticação e disciplinarização.

A principal referência teórico-metodológica para o entendimento da arqueologia da arquitetura neste viés é a tese de doutorado de Andrés Zarankin (2001), que inaugura, no Brasil, a análise do tipo sintaxe espacial². Conforme mencionei antes, seu objetivo inicial foi refletir sobre como a arquitetura de escolas públicas de Buenos Aires, capital da Argentina, perpetuam o modelo de vida e comportamento que intensificou-se junto com o capitalismo. Como objeto de estudo, Zarankin (2001) analisou onze escolas portenhas, datadas do final do século XIX e início do século XX, as quais alinhavam-se a diferentes abordagens pedagógicas. Um exemplo de como a análise é realizada pelo autor pode ser observado na figura 5, a qual se refere a escola Nº13, do distrito 18, de Buenos Aires. Sua descrição é de uma edificação pequena, sem muitos cômodos, mas muito rígida. A escola possui um único andar e este pavimento é dividido em dois espaços, no qual cada um possui um local de controle das salas de aula e outros cômodos. Além disso, o prédio possui uma única passagem que permite a entrada e saída dele. O pátio da escola também é um elemento chave, já que é o ponto onde se conectam todos os nós³ da edificação. As salas de aula e outros cômodos não se conectam entre si, para as acessar é imprescindível passar pelo pátio, sendo este um ponto interno de controle da edificação, conforme expliquei antes. Dessa forma, a edificação possui um ponto panóptico, que é o pátio, de onde se controla os demais espaços da estrutura e, além disso, não existem meios alternativos de deslocamento pelo seu interior (Zarankin, 2001, p. 140).

² A sintaxe espacial é a análise da relação entre a configuração urbana e fenômenos ambientais, sociais e econômicos, com foco na mobilidade no espaço (OZELIM; HOLANDA, 2024).

³ Nós são espaços físicos delimitados dentro de uma estrutura arquitetônica, podem ser cômodos, corredores, escadas e outros. (Zarankin, 2001, p. 124)

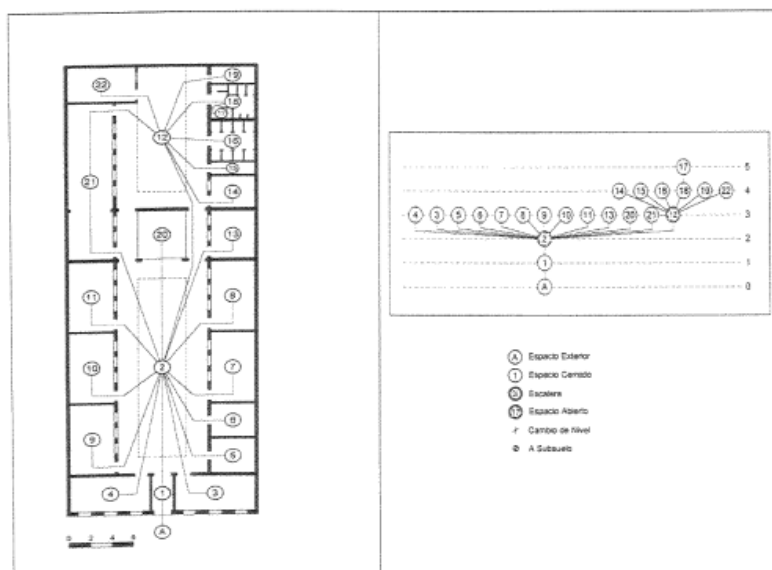


Figura 5: Modelo Gamma aplicado em uma das escolas de Buenos Aires, Argentina. Fonte: Andrés Zarankin, 2001, p. 139.

Outros trabalhos feitos no Brasil que seguem essa temática são os de Juliana Maria Brandão Moreira (2015, 2021), que foi orientada por Andrés Zarankin e também aplicou o modelo Gamma no estudo arquitetônico, porém seu foco foi instituições psiquiátricas. Sua dissertação de mestrado intitulada “Arquitetura que enlouquece: Poder e Arqueologia” (Moreira, 2015) tem como objeto de estudo o antigo Hospital de Neuro-psiquiatria Infantil (HPNI) de Belo Horizonte (MG). O HPNI foi instalado no prédio onde funcionava o Hospital Militar de Belo Horizonte, mas seu funcionamento como hospital psiquiátrico iniciou-se em 1947, aceitando internações a partir de 1949. Em 1973, foi criado um anexo chamado de Unidade Psicopedagógica (UNP) e na década de 1980, o HPNI e a UNP se tornaram o Centro Psicopedagógico (CPP). A última utilização deste prédio foi como Escola Estadual Yolanda Martins, que atendia crianças portadoras de transtorno mental. Em 1994, a edificação foi desocupada devido a precariedade estrutural e tombada pela prefeitura sob a justificativa de ter sido onde o ex-presidente Juscelino Kubitschek fez residência médica (quando o prédio funcionava como Hospital Militar). A partir de uma intervenção e ocupação de artistas e ativistas de Belo Horizonte, o prédio se tornou o Espaço Comum Luiz-Estrela no ano de 2011. Estes buscavam imprimir à cidade outros discursos patrimoniais mais inclusivos sobre bens patrimoniais, a começar por este prédio histórico de BH e o transformando em um local de atendimento de pessoas moradoras de rua e de atividades culturais para a cidade.

Durante seu funcionamento enquanto hospital de neuropsiquiatria, a estrutura era direcionada à internação de crianças com alguma condição de saúde mental que haviam sido

rejeitadas pelas famílias, mas também crianças abandonadas, prostitutas e delinquentes, as quais eram submetidas a péssimas condições de higiene e maus tratos, tendo em vista a falta de estrutura que o hospital possuía (Moreira, 2015, p. 80). Em seus resultados da aplicação do Modelo Gamma, é perceptível uma construção arquitetônica não distributiva (comum em instituições hospitalares), o que significa dizer que para acessar um determinado cômodo, só havia um caminho a percorrer (arquiteturas distributivas possuem mais alternativas) e assimétrica, com alto grau de hierarquia entre os cômodos. A estrutura do HPNI é evidentemente disciplinar, com pontos panópticos que garantiam o confinamento e a vigilância das internas.

Entretanto, apesar do ambiente desumano que essas crianças encontraram, as paredes deste confinamento (mais especificamente, o porão) estavam rabiscadas, como é comum em muitas casas que possuem crianças. Há nomes de meninas escritos (Marieta e Josefa), contornos de mãos e bonequinhos desenhados os quais, sugestivamente, possuíam detalhes de algemas nos braços. Além das expressões rabiscadas nas paredes, há brinquedos, sapatos e outros vestígios espalhados pelo cômodo que indicavam que, apesar de ter sido criado para ser um porão de ventilação, em algum momento chegou a ser ocupado pelas crianças em confinamento (Moreira, 2015, p. 128). A motivação para ocupar o porão é incerta, mas nos geram tristes suspeitas.



Figura 6: Desenho encontrado nas paredes do HPNI, com destaque ao adereço nos braços. Fonte: Juliana Brandão, 2015, p. 128.

Futuramente, a discussão iniciada por Moreira (2014) foi expandida com sua tese de doutorado sobre o Hospital Psiquiátrico Barbacena, denominado “Arqueologia da Loucura:

Narrativas alternativas, cultura material e história do Hospital Colônia de Barbacena” (Moreira, 2021). O Hospital Colônia de Barbacena funcionava no mesmo período que o HPNI, mas ele foi palco do chamado “Holocausto Brasileiro”⁴. De acordo com Moreira (2021, p. 80), a instituição era destinada ao “atendimento de habitantes do Estado que, por motivo de alienação mental, carecerem de tratamento”, mas a população interna do Barbacena era bem mais ampla que isto. Moreira (2021) explica que mulheres que haviam sido assediadas ou sofreram algum tipo de abuso, alcoólatras, homossexuais, crianças abandonadas, pessoas que era indesejadas na família ou que seriam um perigo para si próprio e um sério incômodo social, poderiam se tornar pacientes do Hospital Colônia de Barbacena (Moreira, 2021, p.88).

O Hospital de Barbacena teve o modelo Gamma aplicado em seus pavilhões, cada um dos pavilhões possuíam cômodos com finalidades diferentes dentro do hospital (refeitórios, administração, quartos, lavanderias, entre outros). Como citado anteriormente, instituições hospitalares tendem a não ser distributivas em sua organização, o que também se aplica ao Barbacena. Entretanto, uma diferença entre o Barbacena e o HPNI são os pontos panópticos encontrados. Enquanto o HPNI tem pontos panópticos espalhados em um único prédio (nos corredores), o Barbacena teria um ponto panóptico principal, sendo a torre do pavilhão central (Pavilhão Afonso Pena e Arthur Bernardes) o local de vigilância e controle de toda a construção. Segundo Moreira (2021, p. 184), “melhor que qualquer corredor dos demais pavilhões, essa torre materializava muito bem o princípio do panóptico: possibilitava a constante vigilância por parte do diretor a partir de um ponto central, sem que as pessoas vigiadas tenham plena ciência deste controle”.

Tal qual no antigo manicômio infantil, a materialidade também surge como um contraponto ao confinamento perverso expresso pela arquitetura. No caso do Barbacena, a possibilidade de fuga e de expressão de individualidade apareciam por meio do fumo, da confecção dos próprios cachimbos, artesanato e outros objetos usados pelos internos e internas, alguns deles em exposição no Museu da Loucura (Barbacena - MG) e analisados por Moreira (2021).

⁴ “Holocausto Brasileiro” é um livro escrito por Daniela Arbex, em 2013. A partir de depoimentos de sobreviventes, ex-funcionários e outros envolvidos, denuncia os maus tratos que os pacientes sofriam em seu período de funcionamento.



Figura 07: Boneco de pano com algema confeccionado por um interno do Hospital Colônia de Barbacena. Fonte: Juliana Moreira, Museu da Loucura, 2019, p. 125.

Sendo bem honesta, é instigante pensar que o campo teórico que utilizo para analisar escolas, especialmente aquela onde estudei no ensino médio, é semelhante ao que outras arqueólogas aplicaram ao estudar manicômios e penitenciárias. Em teoria, como defendem Foucault (1987) e Zarankin (2001), escolas, manicômios e penitenciárias compartilham um propósito semelhante em sua arquitetura. No entanto, apesar de compreender essa perspectiva, questiono se esses espaços são vivenciados da mesma forma por todos que os habitam. Nesse sentido, além de analisar espacialmente a arquitetura escolar, senti-me inclinada a explorar outros usos das paredes, considerando pichações, desenhos, quadros de formatura, quadros de avisos e outros elementos encontrados em edificações escolares. Assim, sigo um caminho semelhante ao trilhado por Moreira (2021), unindo a análise espacial da arquitetura a outras materialidades.

Para fundamentar minha escolha, retomo o trabalho de Salerno (2006), que argumenta que a Arqueologia Histórica se subdivide em dois principais grupos teóricos para o estudo da sociedade moderna: os modelos “generalistas” e os modelos “particularistas”. Os modelos generalistas sustentam que a sociedade moderna segue uma trajetória única de conformação e consolidação de práticas capitalistas em todos os contextos (Salerno, 2006, p. 36). Em outras palavras, práticas como individualismo, ordem e controle foram rapidamente aceitas pelas elites e reforçam a ideia de homogeneização cultural, em que o domínio do sistema seria

inevitável. Nesse modelo, o desenvolvimento e a difusão do capitalismo ocorreriam de maneira uniforme. Como exemplos dessa perspectiva, Salerno (2006, p. 36-37) menciona os trabalhos de Deetz (1977, apud Salerno, 2006), pioneiro nesse pensamento, além de Johnson (1996, 1999, apud Salerno, 2006), Leone (1988, 1995, 1999, apud Salerno, 2006), Orser (1996, apud Salerno, 2006) e Delle (1999, apud Salerno, 2006).

Em contraste, os modelos particularistas afirmam que as ideias associadas à modernidade não foram totalmente absorvidas de forma homogênea e que os grupos sociais desempenharam um papel mais ativo na construção de suas identidades (Salerno, 2006, p. 38). Essa abordagem se baseia na heterogeneidade cultural e na possibilidade de resistência à dominação, bem como na aceitação, ressignificação ou recusa dos modelos impostos pelo capitalismo. Muitos pesquisadores latino-americanos compartilham dessa perspectiva, defendendo que o capitalismo assumiu formas, ritmos e trajetórias distintas, com resistência à sua afirmação. Salerno (2006) cita, entre outros, os trabalhos de Funari (1999, apud Salerno, 2006), Andrade Lima (2001, apud Salerno, 2006) e Senatore & Zarankin (2002, apud Salerno, 2006).

Em minha pesquisa, além de analisar o discurso implícito na sintaxe espacial, considero essencial avaliar como esse discurso de controle foi percebido pelos diferentes grupos que ocupam as escolas. Assim, levanto os seguintes questionamentos: será que professores, alunos, funcionários, técnicos e terceirizados percebem o espaço escolar do IFPI da mesma forma? O discurso de poder é a única interpretação possível a partir das paredes dessa instituição? E, se existe poder, ele é aceito pacificamente ou há formas de resistência a ele? Esses questionamentos orientam minha adoção dos modelos particularistas descritos por Salerno (2006), permitindo-me investigar as singularidades presentes nessa edificação.

1. 2. Estudo alternativo das paredes a partir da Arqueologia das pichações

Pensando no exposto, recorro a dissertação de mestrado de Rosivânia Castro de Aquino (2017), intitulada “Entre o Sagrado e o Profano: Um mundo por trás das grades”. Neste trabalho, Aquino estudou uma penitenciária inaugurada em 1967, em São Raimundo Nonato, desativada em 2007. As últimas notícias encontradas pela autora indicam que, em 2017, havia sido autorizada uma reforma para transformar o espaço em um centro cultural (Aquino, 2017, p. 31). Na pesquisa, a autora utilizou a arquitetura como fonte de informação, mas seu foco não foi a organização do espaço como parte da punição dos encarcerados. Em

vez disso, ela analisou os desenhos presentes nas paredes da penitenciária. O resultado dos grafismos revelou uma intrigante mistura entre o sagrado e o profano, com desenhos de teor sexual e apelos a um Deus cristão.



Figura 08: Grafismos no teto da Penitenciária Zeca Rúben, São Raimundo Nonato-PI. Fonte: Rosivânia Aquino, 2015, p. 80.

No trabalho de Aquino (2017), a ênfase no disciplinamento e controle dá espaço às identidades dos presos. Por meio de suas pichações, é possível interpretar suas percepções sobre a própria vida e sobre o momento de encarceramento. De acordo com Aquino (2017, p. 56), os grafismos revelam as experiências dos detentos, expondo memórias, percepções do presente e até visões de futuro.

Dessa forma, este estudo oferece uma possibilidade enriquecedora para minha pesquisa. Inspirada por esses textos, comecei a me questionar sobre como os elementos presentes nas paredes (cartazes, pichações, avisos, placas, entre outros) contribuem para as singularidades da vivência nesses espaços, indo além de um discurso de poder e controle, que provavelmente emanaria da arquitetura. Assim, recorro à Arqueologia das Pichações, mesmo reconhecendo que nem todas as manifestações nas paredes analisadas são pichações, para desenvolver essas ideias.

O estudo de intervenções em paredes não é novidade na Arqueologia. Há uma variedade de metodologias aplicadas ao estudo de paredões rochosos associados aos registros rupestres pré-coloniais, abrangendo aspectos como composição de pigmentos, formas dos grafismos e pinturas, interferências na paisagem, entre outros. No entanto, o ato intencional de deixar marcas em superfícies verticais ou horizontais não se restringe ao passado; ele

permanece vivo no presente, com outros contornos e significados. Nesse sentido, refiro-me ao estudo arqueológico de pichações em ambientes urbanos.

É importante destacar que, embora sejam parte significativa da paisagem urbana (Isnardis, 2013; Souza, 2013), a legislação brasileira considera o ato de pichar um crime ambiental. Segundo o artigo nº 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, a pichação é passível de punição e multa, com agravantes se o local for um patrimônio público. Contudo, a Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011, distingue grafite de pichação, considerando o grafite uma manifestação artística e a pichação, por oposição, um ato de vandalismo.

Outro ponto relevante é a ortografia da palavra “pichação”, grafada com “ch”. A grafia “pixação” surgiu na década de 1980 com o Movimento Pixo, em São Paulo (SP), reivindicando um caráter artístico e carregado de personalidade. Esse movimento urbano possui um visual único que o diferencia das pichações em outras partes do mundo (Nascimento, 2015, p. 18). Apesar de compreender a intencionalidade política por trás do uso da palavra com “x”, optei por manter a forma convencional para enquadrar minha pesquisa nas normas da língua portuguesa.

Embora a legislação condene a prática, há outras interpretações possíveis associadas ao ato de “rabiscar paredes”. De acordo com Souza (2013, p. 141), em contextos urbanos, essa atividade pode ser percebida como um código secreto, onde adultos e jovens se reconhecem como pertencentes a uma determinada região. Isso os insere em uma identidade coletiva, configurando-se como uma prática carregada de simbolismos. Em geral, Souza (2013) afirma que o ato de pichar possui significado para o grupo social responsável, seja nas paredes de uma rua no centro da cidade, no interior de uma fábrica, em prisões (Aquino, 2017) ou em escolas.

As pichações são mais que expressão de uma coletividade que existe num mundo concreto exterior às paredes. Se pensarmos no conjunto de todos os pichadores da cidade, de todos os grupos, essa coletividade unificada por bens simbólicos, valores e normas de conduta particulares, veremos que não há nenhum espaço exclusivo (nenhum rito, nenhum poder central, nenhum espaço de reunião) onde esse todo se realiza de forma concreta, a não ser nas próprias pichações (Isnardis, 1997, p.160).

Um dos primeiros estudos arqueológicos no Brasil a abordar as pichações urbanas sob uma perspectiva arqueológica foi o artigo de Andrei Isnardis (1997), publicado na Revista de Arqueologia da SAB, intitulado “Pinturas Rupestres Urbanas: uma etnoarqueologia das pichações em Belo Horizonte”. Neste trabalho, Isnardis (1997, p. 144) identifica as pichações como vestígios arqueológicos significativos do universo sociocultural das “ganges” de pichadores de Belo Horizonte. Para essas comunidades, o ato de rabiscar muros é uma prática

central em suas experiências coletivas, embora frequentemente desvalorizada ou desautorizada pela sociedade (Isnardis, 1997, p. 145).

Os estilos de escrita, os signos, os bairros, os locais dos muros e as fachadas onde as pichações são realizadas funcionam como marcadores territoriais de pertencimento desses grupos. Além disso, esses elementos possuem uma gramática subjacente compreendida pelos integrantes das comunidades, reforçando a identidade coletiva e a comunicação entre os pichadores.



Figura 09: Muro pichado em Belo Horizonte. Fonte: Andrei Isnardis, 1997, p. 153.

A pesquisa de Isnardis (1997) concentrou-se em identificar padrões relacionados às pichações da cidade de Belo Horizonte. Entre os grafismos encontrados, estavam propagandas eleitorais, palavras de ordem, rabiscos simples e outras manifestações. Entretanto, o destaque do artigo recai sobre as letras grafadas com spray, quase ilegíveis para leigos, mas interpretadas pelo autor como assinaturas dos pichadores ou dos grupos aos quais pertencem.

Ao analisar a gramática cultural subjacente ao picho, Isnardis (1997) explica que cada “turma” – termo que designa grupos de amigos ou coletivos de pichadores – compreende seu bairro como um território intrinsecamente ligado à sua identidade. As siglas características de cada grupo são mais frequentes nos bairros onde esses coletivos se inserem. A sobreposição de siglas ou o respeito por elas (evitando pichar diretamente sobre marcas de outros grupos) pode revelar rivalidades ou alianças entre diferentes grupos. Assim, o estudo de Isnardis (1997) discute não apenas a distribuição espacial das pichações na área urbana de Belo Horizonte, mas também o diálogo simbólico entre os pichos, explorando questões de território e identidade dos pichadores.

Outra perspectiva relevante é trazida por Rafael de Abreu Souza (2013), em artigo publicado na Revista de Arqueologia Pública da UNICAMP, no qual ele analisa o complexo

fabril Cianê, localizado em Sorocaba, sob a ótica da Arqueologia Urbana. Seu estudo busca discutir as pichações em relação às dinâmicas de poder associadas à patrimonialização de espaços que, anteriormente, eram fábricas têxteis (Souza, 2013, p. 135).

O complexo fabril Cianê é composto por duas fábricas – Nossa Senhora da Ponte e Santo Antônio – ambas construídas entre o final do século XIX e início do século XX para atender à expansão do algodão e à produção têxtil. Após sua desativação nos anos 1970, o espaço foi apropriado e ressignificado por grupos sociais marginalizados, muitos deles excluídos do núcleo de poder e sem acesso adequado à infraestrutura urbana em Sorocaba (Souza, 2013, p. 143).

As pichações no complexo fabril Cianê estão presentes tanto nas áreas externas quanto internas, com registros até mesmo no teto das fábricas. Souza (2013) discute a localização dessas manifestações, os suportes materiais utilizados (como o tipo de parede escolhida, a composição da tinta e as cores aplicadas) e argumenta que essas intervenções também fazem parte da paisagem urbana. Ele sugere que, do ponto de vista arqueológico, essas pichações podem ser analisadas como artefatos culturais que carregam significados sobre os grupos que as produziram.



Figura 10: Fotografia de Paulo Fischer da vista parcial da fachada das fábricas, 2012. Fonte: Rafael Souza, 2013, p. 147.

Ainda que façam parte do mesmo complexo, as pichações encontradas na Fábrica Nossa Senhora da Ponte e na Fábrica Santo Antônio apresentam significados distintos. As intervenções na Fábrica Nossa Senhora da Ponte são majoritariamente externas, visíveis e, conforme Souza (2013, p. 146), ocupam a fachada panóptica da caixa d'água com letras em caixa alta e de fácil leitura. No interior, algumas paredes contêm grafismos feitos com giz de

cera, portanto, de caráter temporário, que expressam declarações, publicidades e outros significados. No geral, essas manifestações indicam a falta de espaços de socialização para a comunidade local, com predomínio de tons preto e branco (Souza, 2013, p. 149).

Já a Fábrica Santo Antônio apresenta intervenções mais diversas, coloridas e de baixa visibilidade, localizadas principalmente no segundo piso da fábrica. Essas manifestações podem ser consideradas mais intimistas, pois suas mensagens são direcionadas ao próprio grupo de pichadores, sem a intenção de exposição para o público externo. Há, portanto, um código cultural subjacente compartilhado entre os realizadores dessas pichações (Souza, 2013, p. 150).

Embora abordem a temática das pichações na Arqueologia, Isnardis (1997), Souza (2013) e Aquino (2017) enfocaram contextos e objetivos distintos. Isnardis (1997) investigou bairros de Belo Horizonte, onde clãs de pichadores usavam as pichações como forma de reforçar seu pertencimento territorial. Nesse caso, aspectos como tipos de signos, distribuição espacial e sobreposição de pichos foram analisados. Souza (2013), por sua vez, estudou um complexo industrial desativado em Sorocaba (SP), apropriado por grupos marginalizados. Seu trabalho enfatizou a materialidade do picho – incluindo o suporte, o tipo de tinta e as cores utilizadas –, bem como sua visibilidade, permanência e outras características contextuais. Aquino (2017), por outro lado, explorou as pichações realizadas por presos na Penitenciária Tenente Zeca Rúben, em São Raimundo Nonato (PI). Os detentos utilizavam essas intervenções para expressar sentimentos, crenças religiosas, sexualidade e outros aspectos de suas experiências. Aquino classificou as pichações em diferentes temáticas e analisou os significados de cada desenho ou texto registrado.

Esses trabalhos servem como inspirações teóricas e metodológicas para a análise das formas como as paredes do IFPI foram vivenciadas pelos seus frequentadores. A partir de rabiscos e gravuras, pretendo mapear como a comunidade ifpiana expressa-se nesse ambiente escolar. Ao examinar cartazes e murais afixados por professores, pela administração e outros membros da instituição, busco avaliar se o discurso de controle, possivelmente sugerido pelo modelo Gamma, é reproduzido ou desafiado por meio dessas materialidades. Assim, minha proposta é explorar as particularidades da escola, afastando-me de interpretações generalistas que possam ser sugeridas exclusivamente pela análise espacial.

CAPÍTULO II: UMA METODOLOGIA ARQUEOLÓGICA PARA A ARQUITETURA

[...]Escrevo doente, mas para minha cura. Escrevo na tentativa de contribuir com uma partícula para remediar algo ainda maior, que pode ser ainda melhor. Torço para que comigo haja cada vez mais pessoas audaciosas com esse desejo em riste por aí (Passos, 2019, p. 16)

Antes de apresentar a metodologia, é necessário justificar a parcialidade com que escrevo minha monografia. Como já devem ter notado, minha escrita utiliza a primeira pessoa e é permeada de subjetividades. Essa escolha não é aleatória; ela reflete um posicionamento teórico e político.

A partir da década de 1980, a Arqueologia começou a ser compreendida como uma prática política, algo que a antiga perspectiva processual não permitia reconhecer. Com a ressignificação do fazer arqueológico, houve uma mudança no entendimento do poder inerente à disciplina, que passou de reafirmar conceitos científicos considerados irrefutáveis para se caracterizar como um instrumento político na interpretação do passado (Santos, 2020, p. 66) e na transformação do presente.

Nesse contexto de mudanças, e considerando a grande responsabilidade envolvida na interpretação de materiais que, no senso comum, "não falam" (no caso, a materialidade), torna-se difícil manter uma postura completamente imparcial na análise dos artefatos com os quais lidamos ao longo de nossa formação e atuação profissional. Ainda assim, a Arqueologia brasileira continua, em grande parte, presa às perspectivas processualistas difundidas pelas missões arqueológicas dos anos 1960.

A vinda de especialistas estrangeiros, a entrada da arqueologia nas universidades e programas de pesquisa tais como o Pronapa proporcionaram a formação de toda uma primeira geração de arqueólogos acadêmicos brasileiros, ainda hoje responsáveis pela direção de vários centros de pesquisa e ensino de arqueologia no país. Trata-se de uma formação essencialmente prática, de técnicas de pesquisa de campo e de classificação de materiais arqueológicos em laboratório.[...](Barreto, 2000, p. 45)

Não nego, de forma alguma, a importância do Processualismo. Esse paradigma trouxe métodos que permanecem úteis e relevantes na Arqueologia, além de ter proporcionado um primeiro fôlego interpretativo para a disciplina (Johnson, 2000; Trigger, 1989). No entanto, o Pós-processualismo ampliou significativamente o escopo da arqueologia ao introduzir o estudo do simbolismo dentro de contextos específicos, com ênfase nas relações de poder, conflitos de classe, questões de gênero e dinâmicas internas das sociedades (Lima, 2002, p.

9-10). Essa abordagem fortaleceu ainda mais a conexão entre a arqueologia e as ciências humanas e sociais. É com essa Arqueologia que mais me identifico.

Portanto, se tenho a oportunidade, enquanto me formo como arqueóloga, de expressar o modo como enxergo o que estudo, por que não aproveitá-la? Inspiro-me em Lara Passos (2019, p. 16), que afirma que seu “intuito é contribuir com as provocações à comunidade acadêmica para uma revolução interna, à quebra da inércia para fazer diferente. Contribuir para mudar o ensino da arqueologia, o aprendizado da arqueologia e a arqueologia em si”. Assim, assumo o risco de fugir dos padrões, não apenas porque a rebeldia me atrai, mas porque escrevo com a consciência de que um pouco de mim está nessas linhas.

Além da escolha estilística, é necessário explicar as formas pelas quais pretendo colocar em prática meus objetivos de estudo. Por ser uma ciência interdisciplinar, a Arqueologia se constrói a partir de uma ampla gama de fontes para narrar histórias: escritas, materiais, iconográficas, orais, entre outras. Nesta pesquisa, concentro-me em fontes materiais arquitetônicas, como desenhos de plantas e o próprio prédio escolar, bem como em desenhos, grafismos, cartazes e outros elementos gravados, colados ou desenhados nas paredes do IFPI. Mais uma vez, organizo o capítulo em duas partes para, de forma didática, apresentar minhas ideias.

2.1. A aplicação do modelo Gamma

O modelo Gamma trata-se de uma ferramenta alternativa para o estudo da Arquitetura e da sua espacialidade, analisando as possibilidades de locomoção e a distribuição de cômodos de um determinado ambiente construído. Essa metodologia permite discutir o quanto uma edificação é simétrica ou assimétrica, distributiva e não-distributiva⁵, a existência de hierarquias na divisão dos espaços, pontos panópticos de controle dentro do prédio, entre outras informações relevantes (Zarankin, 2001; Moreira, 2015, 2021; Lemos, 2019).

Essa ferramenta foi criada em 1984 por Bill Hillier e Julienne Hanson, ambos professores de Arquitetura da University College London. O método tem como foco a permeabilidade das construções, tendo como resultado a compreensão da movimentação no seu interior (Brandão, 2021, p. 165). O resultado obtido é um gráfico espacial, onde círculos

⁵ Simétrica é uma denominação utilizada pela Sintaxe Espacial para ler o modelo gamma quando a edificação apresenta um único caminho para adentrar um determinado cômodo. Assimétrica é o termo utilizado quando a edificação possui muitos caminhos para adentrar um determinado espaço. Distributiva é como se analisa a circulação de entrada e saída, neste caso, ela apresenta mais de uma via. E Não-distributiva trata-se do termo utilizado para também analisar a circulação de entrada e saída e refere-se àquelas que possuem apenas uma via de circulação para entrada e saída.

representam cômodos (denominados de nós) e as linhas são os acessos à eles (denominados de conexões). A intenção não é apenas ter dimensões distributivas (espaços cuja circulação de entrada e saída possuem mais de uma via) e não distributivas (apenas uma via como acesso), bem como simétricas (os espaços possuem um único caminho para acessá-los) ou assimétricas (é necessário adentrar muitos caminhos para acessar um único espaço), mas deixar visível as relações entre a sociedade e o espaço, analisando as edificações como objetos sociais, que refletem e agem sobre o meio, são produtos e produtores de significados, são geradas e geradoras por/de relações sociais (Brandão, 2015, p. 99).

A fim de facilitar a explicação de como realizar o Modelo Gamma, irei recorrer a um exemplo ilustrativo e desenvolver seu passo a passo. A imagem abaixo é uma casa típica de classe média, disponibilizada por um website chamado *Arkpad*⁶, que se configura como um imóvel grande (sem informação de quantos metros quadrados), contendo uma sala de estar, uma sala de jantar, uma cozinha, uma varanda, um banheiro, dois quartos e um quarto suíte.



Figura 11: Planta de apartamento com três quartos. Fonte: Arkpad. Disponível em: <https://arkpad.com.br/plantas-de-casas-modernas/>. Acesso em 10 de março de 2024.

O primeiro passo para realizar o Modelo Gamma compreende enumerar cada um dos cômodos, bem como os corredores, escadas e outros. O número 0 é atribuído ao espaço localizado ao lado de fora da edificação e, a partir dele, sequencialmente, os demais cômodos

⁶ MORAL, Bruna Gil. *Plantas de Casas Modernas: 80 Projetos Originais*. Arkpad, 2020. Disponível em: <https://arkpad.com.br/plantas-de-casas-modernas/>

são enumerados. Assim que todos os cômodos são enumerados, é recomendável realizar uma legenda identificando a numeração e a funcionalidade de cada cômodo.

1. Hall de Entrada;
2. Sala de jantar;
3. Sala de estar;
4. Varanda;
5. Cozinha;
6. Corredor;
7. Quarto;
8. Corredor;
9. Banheiro;
10. Quarto;
11. Suíte;
12. Banheiro da suíte;
13. Área de Limpeza.



Figura 12: Definição dos nós do imóvel e legenda discriminando os cômodos. Fonte: Arkpad.

Finalizada esta etapa, os pontos enumerados são conectados a partir do ponto inicial, denominado zero. O objetivo é ligar os pontos mais próximos, considerando os acessos disponíveis, como portas ou corredores. Na figura abaixo, observa-se que, a partir do ponto 1, correspondente ao hall de entrada da edificação, é possível acessar o ponto 2, que representa a sala de jantar. Do ponto 2, chega-se ao ponto 3, identificado como a sala de estar, e, em sequência, do ponto 3, acessa-se o ponto 4, que é a varanda. Além disso, do ponto 1 também é possível acessar o ponto 5, que leva ao ponto 13, ou o ponto 6, que conecta ao ponto 7 e, posteriormente, ao ponto 8. A partir do ponto 8, podem ser alcançados os pontos 9, 10 e 11. Por fim, do ponto 11 é possível chegar ao ponto 12.

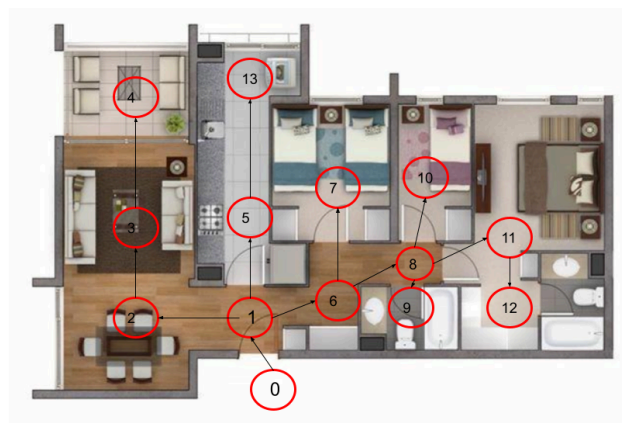


Figura 13: Conexões formadas a partir da ligação dos cômodos. Fonte: Arkpad.

Assim que todas as conexões são estabelecidas, é elaborado o gráfico espacial da edificação. O procedimento consiste em traçar linhas paralelas de forma perpendicular, nas quais os nós e acessos do prédio são organizados hierarquicamente. Antes da primeira linha, de baixo para cima, posiciona-se o ponto zero, representando a origem do percurso. Na primeira linha, aloca-se o cômodo que dá acesso inicial à edificação, que, no exemplo citado, corresponde ao cômodo 1. Na segunda linha, são dispostos todos os cômodos ou nós conectados diretamente ao ponto 1, e assim sucessivamente, até que todas as conexões sejam representadas.



Figura 14: Evolução da construção do gráfico: passo 1, desenhar as linhas paralelas; passo 2 e 3 distribuir os cômodos em cada linha correspondente conforme suas conexões e; passo 4, ligar os pontos de baixo para cima, a partir dos espaços que se conectam. Fonte: Autoria pessoal.

Ao final, as ligações entre os nós são realizadas e as linhas verticais são removidas, permitindo a visualização do gráfico espacial a partir dos pontos e suas conexões. Esse gráfico possibilita compreender a dinâmica de movimentação do espaço, identificar barreiras criadas, pontos de controle, áreas mais restritas e acessíveis, e avaliar o grau de permeabilidade da edificação, entre outros aspectos.

A elaboração do gráfico é o ponto de partida para a análise arqueológica. Nesta pesquisa, sua função é suscitar questões sobre a arquitetura da escola, que emergem diretamente da própria materialidade. O gráfico não é um fim em si mesmo, mas sim um recurso metodológico que facilita o estudo dos aspectos simbólicos de um prédio.

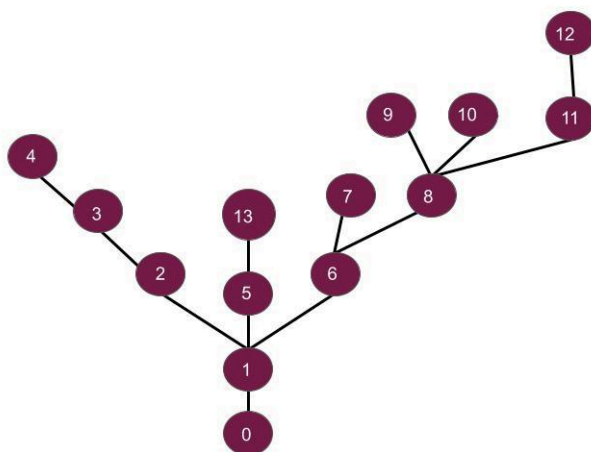


Figura 15: Gráfico resultante da aplicação do Modelo Gamma na planta usada como exemplo. Fonte: Autoria pessoal.

Neste caso, o gráfico define que a residência analisada é do tipo não-distributiva e assimétrica. Inferindo algumas interpretações sobre esse exemplo, podemos sugerir que a movimentação entre os cômodos da unidade doméstica é limitada, ou seja, não há muitas possibilidades de locomoção entre os espaços, além de só existir uma via de entrada e saída na casa, um porta para cada cômodo etc. Além disso, é possível perceber dois espaços bem demarcados na edificação, a área pública da casa, caracterizado pelos cômodos 2 (a sala de jantar), 3 (sala de estar), 4 (varanda) e 5 (cozinha) e a área íntima da casa, caracterizada pelos cômodos 7 (quarto), 9 (banheiro), 10 (quarto) e 11 (suíte). Ambos espaços são separados pelo nó 6 (corredor), que restringe o acesso para a área dos quartos e banheiros (7, 9, 10, 11 e 12). O nó 6 (corredor) é um dos pontos panorâmicos da edificação, assim como são o 8 (continuação corredor) e o 1 (hall de entrada). O ponto 12 (banheiro do quarto suíte) é o local de mais difícil acesso, pois é necessário seguir a sequência 0-1-6-8-11-12 para chegar nele. Este trata-se do banheiro do quarto suíte, possivelmente, frequentado apenas pelos donos do apartamento, área de maior intimidade dos moradores e proprietários.

Se levar ao pé da letra o que diz o modelo gamma, há uma certa hierarquia envolvendo a distribuição do espaço, onde eles realmente são construídos para dificultar o acesso ao ponto 12. No entanto, há alguns aspectos que o modelo gamma desconsidera e que gostaria de

pontuar por me gerar inquietações. Nesse exemplo, alguns desses cômodos não possuem nenhuma barreira física encontrada na planta que dificulte o acesso, ou seja, há ausência de portas e até de paredes que separam certos cômodos, mesmo que no gráfico eu tenha definido como dois espaços diferentes, por exemplo, os cômodos 6 e 8. Assim o fiz porque me parecem espaços diferentes na casa, mas não existe, de fato, uma barreira entre eles, talvez barreira visual, mas nada como uma porta fechando o acesso. Outro ponto é que, mesmo havendo porta em alguns cômodos, não existe garantia de que elas estejam permanentemente fechadas, dificultando o acesso ao seu interior. Será que os filhos ou filhas dos proprietários não estariam utilizando, também, a suíte dos pais ou dormissem no quarto suíte junto com eles? Como se trata de um apartamento, o gráfico também desconsidera outros cômodos que fazem parte do prédio e que também são parte importante na arquitetura desse local em específico (como a distribuição dos apartamentos no prédio como um todo, a quantidade de escadas, elevadores, portarias, guaritas, estacionamentos, área de lazer, entre outros).

O modelo gamma apresenta o discurso oficial da edificação. Compreendendo a arquitetura como um meio de comunicação não verbal, ela representa valores capitalistas da sociedade ocidental, tornando explícita uma hierarquização da materialidade na forma a qual ela foi projetada (Zarankin, 2001). Devido a isso, se torna uma ferramenta do sistema capaz de domesticar o ser humano e torná-los dóceis e aptos para o sistema. Essa é a ideia que Foucault (1987, p. 230) discute para explicar o Panoptismo e já explicada anteriormente.

Em espaços de poder, a espacialidade panóptica é gerada para a constante sensação de estarmos sendo controlados e vigiados, sem que exista, de fato, alguém nos vigiando. A arquitetura moderna se construiu para colaborar com esse sistema que está vinculado ao capitalismo. No entanto, o Modelo Gamma não abarca a própria experiência humana nessa ambientação. Mesmo que a construção seja feita para o controle, nem sempre sentimos o controle e nem sempre nos manteremos passivos a ele. A revolta pode acontecer, ou seja, os contra-usos desses espaços são possíveis e a domesticação pode ser questionada.

Assim sendo, ainda que seja uma ferramenta metodológica útil, acredito que o modelo gamma não dá conta das experiências que as pessoas possuem no ambiente construído. A forma como as pessoas se comportam no espaço, difere de acordo com as posições sociais que elas possuem e como se movimentam naquela edificação. Por exemplo, se uma família hipotética morar neste apartamento, os pais terão uma maneira diferente de enxergar o espaço em relação aos filhos ou algum empregado(a). A questão é que o modelo Gamma é um recurso para entender as distribuições espaciais, mas ele não encerra a discussão na sua

aplicação, outras fontes são necessárias para dar conta de discutir como os seres humanos viveram naquele local.

A partir dessas inquietações, decidi que deveria complementar meu trabalho com outras fontes. Minha ideia é discutir como essas paredes foram vividas pela comunidade escolar do IFPI, a fim de discutir que tipo de indivíduos a instituição está formando, assim, irei estudar pichações, quadros de aviso, placas de formatura e outras informações gravadas, pintadas e coladas em cada espaço.

2.2. Análise de elementos riscados, pichados, gravados, colados e afixados nas paredes escolares

Como ex-aluna, eu nunca cheguei a riscar nenhuma parede do IFPI, mas eu sabia que era um fenômeno escolar amplo pichações no banheiro. Sinceramente, nunca cheguei a pensar nas razões pelas quais alguém desenhava nas paredes da instituição, porém elas sempre estiveram visíveis aos frequentadores e frequentadoras do local. No entanto, como aluna de Arqueologia, compreendo que este também é um fenômeno que pode ser analisado pela disciplina, posto que um produto social intencional, que deixa vestígios materiais. A fim de sistematizar o levantamento de informações sobre isso e complementar a análise da espacialidade da edificação, pensei numa ficha de análise que contemplasse todas as intervenções em paredes que eu consegui observar andando pela escola e estivesse alinhada com as perspectivas tratadas por arqueólogos e arqueólogas que estudaram o ato de rabiscar as paredes no Mundo Contemporânea. Nesse sentido, estou me referindo aos estudos de Isnardis (1997), Souza (2013) e Aquino (2017), cada um, à sua maneira, me inspirou a propor atributos propositivos para minha ficha de análise.

Minha ideia é que através dessas marcas nas paredes do IFPI, eu possa evidenciar os diferentes grupos sociais que utilizam esse espaço, bem como os contra-usos dessa edificação, percebendo como esse espaço é vivido no seu dia a dia e como os discurso associados a espacialidade são, ou não, localmente incorporados.

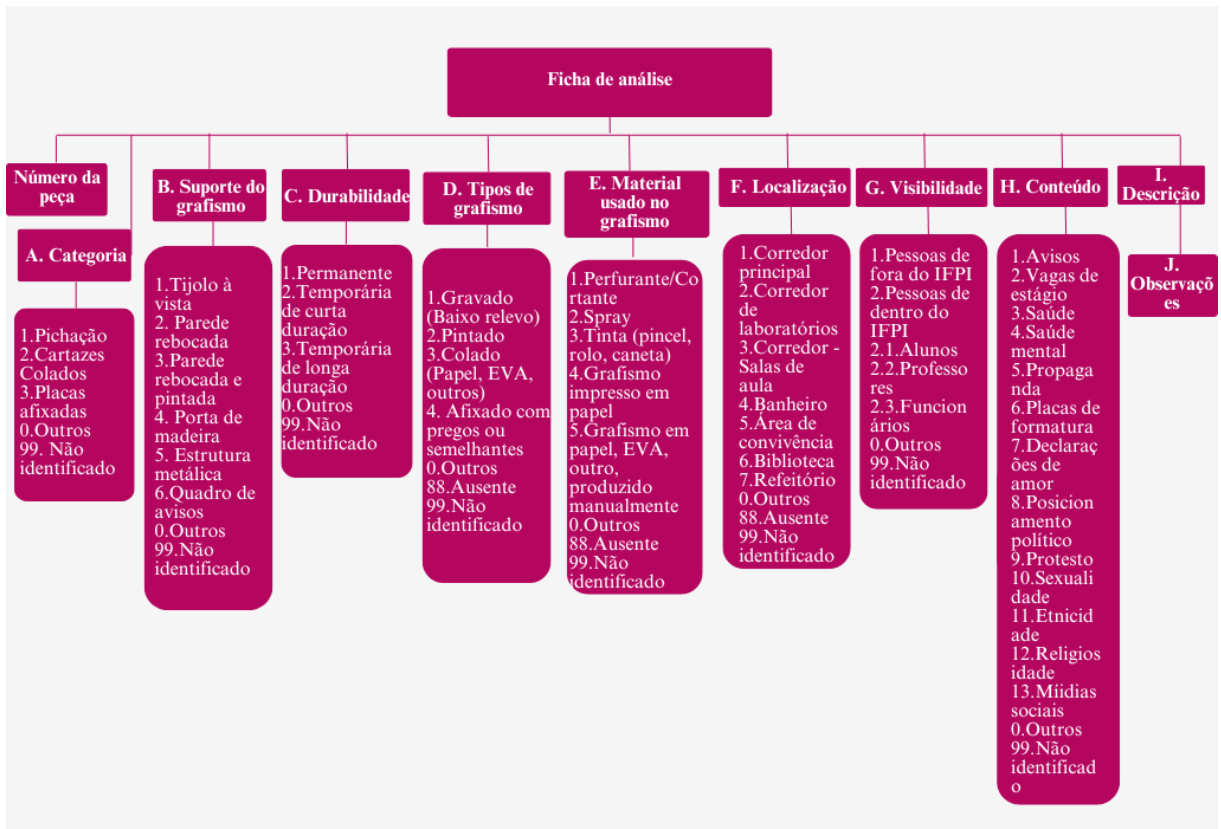


Figura 16: Ficha de análise com os atributos analisados.

A ficha de análise é composta por dez atributos, conforme demonstra a figura 16. O trabalho de levantamento dessas informações caracteriza-se por andar pelos corredores e demais cômodos do IFPI, buscando manifestações nas paredes e realizando o registro fotográfico de cada intervenção, bem como sua denominação e classificação na ficha elaborada.

O primeiro atributo de análise da minha ficha é a **Categoria**, que visa classificar o tipo de intervenção realizada no espaço. Essa categoria pode englobar diversos tipos de manifestações, como: *pichação*, que inclui desenhos, frases ou outros signos riscados ou inscritos nas paredes; *cartazes colados*, que são papéis ou outros tipos de suportes fixados nas paredes; *placas afixadas*, que podem ser fixadas com parafusos ou pregos, e outras categorias não identificadas na ficha, como intervenções cuja natureza não foi possível determinar. Este atributo busca categorizar todas as formas de intervenção visíveis na edificação, mesmo aquelas que não se encaixam facilmente em um tipo pré-definido.

O segundo atributo é o **Suporte dos grafismos**, que se refere ao tipo de superfície onde os grafismos foram aplicados. Esse atributo analisa diferentes acabamentos das superfícies que receberam as intervenções, como: paredes com *tijolo à vista*, *parede*

rebocada, parede rebocada e pintada, porta de madeira, quadro de avisos, algum tipo de estrutura metálica, entre outros tipos de superfícies que não estão especificados na ficha.

O terceiro atributo, **Durabilidade** da intervenção, classifica a permanência da intervenção no espaço, sendo dividida entre *permanente* e *temporária*. Caso seja temporária, a durabilidade é mais detalhada, podendo ser de *curta duração* (como algumas horas, dias ou semanas) ou *longa duração* (que pode se estender por vários anos).

O quarto atributo é **Tipos de Grafismo**, que classifica a forma como a intervenção foi realizada. Ele pode incluir: grafismos *gravados* no suporte (quando o grafismo é esculpido ou entalhado na superfície); *pintado*, que se refere ao uso de tintas ou outros meios para criar desenhos ou textos; *colados*, como a fixação de papeis, cartolinas, EVA ou outros materiais; *afixados com pregos ou semelhantes*, quando objetos são fisicamente fixados ao suporte; ou outros tipos de grafismos não contemplados na ficha ou não identificados.

O quinto atributo analisa o **Material usado no grafismo**, que avalia o que foi empregado para criar a intervenção. Os materiais podem ser: *perfurantes/cortantes* (como tesouras ou estiletes, usados para gravar um baixo relevo no suporte escolhido para o grafismo); uso de tintas ou semelhantes em *spray*; *tinta*, que se aplica ao uso de canetas, pincéis de quadro, pigmentos em guache, acrílico ou outros tipos de tinta aplicado ao suporte escolhido para fazer o grafismo; *grafismos impressos em papel* quando folhas impressas são afixadas ao suporte (como cartazes, por exemplo); *grafismos em papel, EVA, outros* que correspondem, por exemplo, a decoração de datas comemorativas produzidos manualmente e não por impressoras; itens *fabricados por gráfica ou designers*, que podem envolver intervenções mais planejadas ou projetadas; e outros tipos de materiais não especificados na ficha. Caso o material não seja identificado, ele será registrado como tal.

O sexto atributo é a **Localização** da intervenção, que identifica o espaço exato onde o grafismo ou a intervenção ocorreu. A localização pode ser, por exemplo, banheiros, corredores, ou outros espaços específicos dentro do prédio. Esse atributo é crucial para entender como a distribuição espacial da edificação pode influenciar o alcance e a visibilidade das intervenções.

O sétimo atributo diz respeito à **Visibilidade**, ou seja, quem tem acesso visual à intervenção. Ele inclui categorias como: *Pessoas de fora do IFPI* ou *Pessoas de dentro do IFPI*. Esta segunda categoria ainda tem uma segunda subdivisão: *alunos, funcionários* ou *professores*. Esse atributo permite compreender o público-alvo das intervenções, o que pode refletir nas intenções do autor da intervenção (se são voltadas para um público específico, como estudantes ou outros).

O oitavo atributo analisa o **Conteúdo** representado nos grafismos, que diz respeito ao que está sendo expresso na intervenção. Isso pode incluir: *avisos* (mensagens informativas), *vagas de estágio* (anúncios destinados aos estudantes de cursos técnicos), *saúde mental* (mensagens de apoio, como dicas para lidar com a ansiedade ou números para ajuda psicológica, como no caso do setembro amarelo), *propagandas* (anúncios comerciais ou promocionais), *placas de formatura* (referentes às turmas formadas que deixam uma lembrança), *declarações de amor* (recados afetivos entre indivíduos ou com a instituição), *posicionamento político* (opiniões sobre questões políticas), *protestos* (críticas à própria instituição), *sexualidade* (expressões sobre orientação sexual), *etnicidade* (mensagens de reafirmação cultural), *religiosidade* (expressão das crenças pessoais), *mídias sociais* (uso de hashtags ou divulgação de redes sociais), entre outros tipos de conteúdo que o grafismo possa carregar. Esse atributo busca compreender a mensagem que está sendo transmitida e o contexto em que ela se insere.

O nono atributo é a **Descrição do grafismo**, que oferece um detalhamento mais visual e sensorial da intervenção, descrevendo as características do grafismo ou qualquer outro aspecto perceptível durante a análise. Ele é utilizado para fornecer uma visão detalhada de como a intervenção se apresenta ao observador, incluindo detalhes de cores, formas e texturas.

Por fim, o décimo atributo é destinado às **Observações** adicionais, um espaço para registrar quaisquer informações ou comentários relevantes que não se encaixam diretamente nas outras categorias, mas que podem ser úteis para contextualizar ou enriquecer a análise da intervenção. Esse campo permite adicionar notas ou detalhes extras que complementem os outros atributos da ficha.

CAPÍTULO III: O QUE DIZEM AS PAREDES DO INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ?

Os Institutos Federais foram criados pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. No entanto, a educação profissional no Brasil surgiu antes dessa legislação, e acredito ser relevante apresentar um breve histórico deste modelo educacional antes de expor os resultados das análises arqueológicas realizadas no IFPI - Campus Centro Sul de Teresina-PI.

De acordo com Amorim (2013, p. 31), os antecedentes históricos da educação profissional se dividem em três diferentes períodos: o primeiro, de 1930 a 1945; o segundo, de 1946 a 1964; e o terceiro, de 1965 a 1990.

A primeira fase, entre 1930 e 1945, marca a origem das escolas técnicas no país, associadas à criação das Escolas de Aprendizes Artífices (EAA), implantadas em 19 Estados brasileiros. Sua finalidade era formar operários com ensino prático e conhecimento técnico para aprender um ofício. Durante o período do Governo Vargas (1930-1937 e 1937-1946), as EAAs sofreram mudanças significativas em suas estruturas, tornando-se escolas industriais e técnicas, que compunham um sistema paraestatal⁷ de educação profissional – o Sistema S. Esse sistema inclui outros serviços que ainda permanecem presentes no Brasil, como o SESC (Serviço Social do Comércio), criado em 1946. Em resumo, a primeira tendência da educação profissional no país se organizou para formar trabalhadores para uma sociedade urbana e industrial, os quais deveriam receber uma educação geral ou acadêmica separada da educação profissional. Esse modelo reforçou a divisão entre o trabalho manual e intelectual (Amorim, 2013, p. 39), sugerindo que algumas pessoas “pensavam” e outras “executavam”, como se os segundos dependessem da reflexão crítica e da teoria construída pelos primeiros.

A segunda fase começou com o fim do Estado Novo, em 1946, e se estendeu até o Golpe Militar, em 1964. No final da década de 1950, as escolas técnicas tornaram-se autarquias e passaram a se chamar Escolas Técnicas Federais. Nesse período, o Estado assumiu a responsabilidade pela formação profissional necessária para o crescimento industrial nacional. As Escolas Técnicas passaram a ter autonomia administrativa, didática e financeira, embora subordinadas ao MEC (Amorim, 2013, p. 40), e sua finalidade era formar mão de obra para as indústrias.

⁷ Paraestatal significa paralelo ao Estado, portanto atuam juntos sem se confundirem. Fazem parte da iniciativa privada sem fins lucrativos, pessoa jurídica de direito privado, mas exercem atividades de interesse público sem finalidade lucrativa e recebem incentivos do Estado.

Na terceira fase, que abarca o período da Ditadura Militar (1964-1989), o governo criou cursos de formação de tecnólogos para atender à demanda crescente de técnicos no Brasil. No final da década de 1970, as Escolas Técnicas Federais se tornaram Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), implantados, inicialmente, nos Estados de Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro. Sua estrutura educacional compreendia diversos níveis de ensino e uma variedade de cursos técnicos voltados à industrialização, tais como cursos de mecânica, eletrotécnica e edificações (Amorim, 2013, p. 46).

Ainda que existissem diversas escolas técnicas mantidas pelo Estado, os Institutos Federais surgiram nos anos 2000, com a Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, conforme informado anteriormente. Esta lei institui a Rede Federal de Educação Profissional e encontra-se vinculada ao PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação, que data de 2007 (Padoin e Amorim, 2016, p. 8). O PDE reúne ações e programas do segundo Governo Lula (2007-2010) relacionados à expansão e melhoria da educação brasileira, dispondo sobre a educação básica, superior, profissional e tecnológica. Entre os pontos citados pelo PDE, estão a valorização e formação dos professores, incluindo a fundação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes (Haddad, 2008, p. 9). Também há a criação de um sistema de avaliação para o Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), reestruturação e expansão das universidades federais, da educação tecnológica e profissional e “reorganização das instituições federais de educação para uma atuação integrada e referenciada” (Haddad, 2008, p. 18).

Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei (Brasil, 2008, Art. 2º)

Durante esse período de 2008 a 2010, foram criadas mais de 30 instituições federais, incluindo os Institutos Federais do Piauí. De acordo com a legislação, no artigo 6º, a finalidade dos IFs é ministrar educação profissional técnica de nível médio, na modalidade de integração para concluintes do ensino fundamental e EJA, sendo estes cursos de formação inicial com capacitação, pesquisas bem aplicadas, desenvolvimento de atividades de extensão e também cursos de ensino superior. De acordo com Padoin e Amorim (2016, p. 10), a expansão da Rede Federal de Educação foi um marco histórico das políticas do Estado Brasileiro. Sua estrutura não se resume, hoje em dia, a uma formação prática separada da

profissional; pelo contrário, pressupõe a integração entre ambas e ainda acrescenta a extensão aos pilares ensino, pesquisa e extensão.

No Piauí, a partir da implantação da lei, foram criados 11 polos de Educação. Atualmente, ampliou-se ainda mais e existem 20 unidades em funcionamento, sendo três apenas na capital: os campi Teresina Central (que foi um Centro Federal de Educação Tecnológica), Teresina Zona Sul (criado a partir da Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, objeto deste TCC) e o mais recente, Teresina Dirceu Arcoverde.

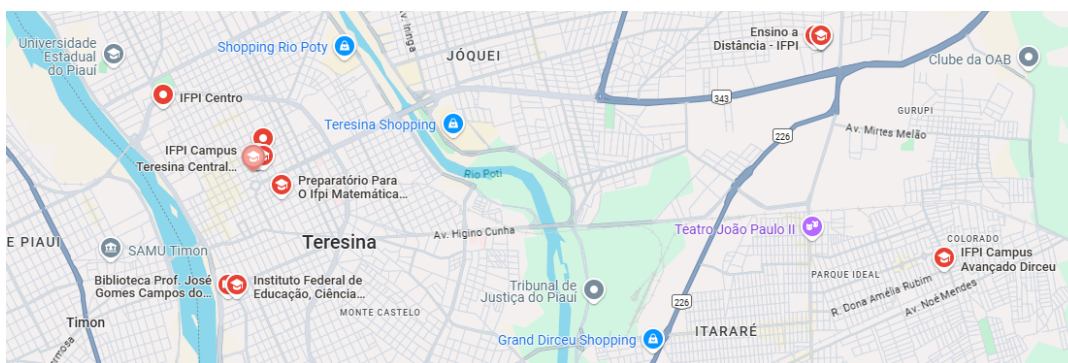


Figura 17: Mapa com a localização dos Institutos Federais Encontrados em Teresina. É possível ver o IFPI - Campus Teresina Central na parte esquerda superior, o IFPI-Campus Teresina Zona Sul na esquerda inferior, próximo ao Rio Parnaíba e o IFPI - Campus Dirceu Arcoverde na direita inferior, bem mais distante dos outros prédios. Fonte: Google Maps.

O campus onde estudei é o Campus Teresina Zona Sul (CTZS), localizado no bairro São Pedro, na Zona Centro-Sul de Teresina, entre as avenidas Pedro Freitas e Maranhão. Esse bairro é predominantemente residencial, o que o diferencia dos demais câmpus, posto que o IFPI - Teresina Central está localizado, como o próprio nome sugere, em uma área mais comercial da cidade e o IFPI - Dirceu Arcoverde localiza-se na região Sudeste da cidade, mais distante dos outros campus.



Figura 18: Imagem área do IFPI - Teresina Zona Sul. Fonte: Google Earth.

Apesar de situar-se numa zona residencial, o CTZS é cercado por diversas empresas e instituições, como a Equatorial Energia (empresa de fornecimento de energia elétrica de Teresina) e as Secretarias de Educação, Saúde, Fazenda, Administração e Trabalho do Estado, além de escolas particulares (como o Colégio Pró Campus e o Colégio Séculos) e públicas (como a Unidade Escolar Gabriel Ferreira e o Centro Estadual de Educação Profissional Paulo Ferraz).

O acesso ao campus por transporte público é razoável para alunos das zonas Sudeste e Sul, pois há linhas de ônibus que percorrem tanto a Av. Pedro Freitas quanto à Av. Barão de Gurguéia, esta última paralela à Av. Pedro Freitas. No entanto, para quem mora nas zonas Norte e Leste, o ponto de ônibus mais próximo fica a cerca de 10 minutos de caminhada da instituição, por essa razão, a instituição oferece transporte para levar e buscar os alunos em pontos de ônibus mais distantes.

Conforme estabelece a Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, o IFPI-CTZS (fundado também em 2008) é uma instituição que oferece cursos técnicos e de graduação, tal qual todas as instituições federais desse tipo. Nos seus inícios, contava com quatro cursos técnicos, que eram oferecidos para 800 alunos, sendo estes: Edificações, Saneamento, Gastronomia e Estradas. Atualmente, a instituição conta com 1431 alunos e uma grande variedade de cursos ofertados em diferentes modalidades. Os cursos técnicos são oferecidos nas modalidades Integrada ao Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e

Concomitante/Subsequente.⁸ Na modalidade Integrada ao Ensino Médio, os cursos oferecidos são: Vestuário, Edificações, Saneamento, Estradas e Informática. Na modalidade EJA, são ofertados os cursos de Administração e Gastronomia. Para a modalidade Concomitante/Subsequente, estão disponíveis os cursos técnicos em: Edificações, Estradas, Gastronomia, Nutrição e Dietética, Panificação, Química e Vestuário. Também há a oferta de cursos de graduação em Computação, Design de Moda, Gastronomia e Engenharia Civil, Especialização em Educação Física e Saúde e, por fim, Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC)⁹ de Microempreendedor Individual.

3.1. Controle, mas nem tanto: a aplicação do Modelo Gamma no IFPI

Embora o Instituto Federal do Piauí (IFPI) tenha sido criado em 2008, o prédio onde ele está situado é mais antigo. A própria instituição não possui registros detalhados sobre a construção da estrutura, o que se sabe é que o local já abrigou uma escola pública e que tanto o terreno, quanto a edificação, foram doados pela Prefeitura de Teresina para construção do IFPI.

O prédio principal é térreo e está inserido em uma área ampla e bem arborizada, que também conta com um grande estacionamento, uma quadra esportiva com dois vestiários e, desde as reformas realizadas em 2024, um auditório. Apesar de toda essa complexidade, no meu TCC decidi focar apenas na edificação principal, onde são realizadas as aulas, onde se localizam os laboratórios, a administração, a biblioteca e o refeitório. Incluir os demais espaços demandaria aplicar o modelo alpha para estudar a relação entre os prédios e em virtude do tempo de um TCC, bem como dos objetivos da minha pesquisa, de incluir para além da arquitetura, as manifestações na parede, decidi focar apenas no prédio principal.

⁸ A modalidade *Integrado* se refere aos cursos técnicos que são oferecidos junto a grade curricular do Ensino Médio ou ao Ensino de Jovens e Adultos. A modalidade *Concomitante* é para quem está cursando o ensino médio, mas não na mesma instituição. A modalidade *Subsequente* refere-se aos cursos técnicos para quem já terminou o Ensino Médio.

⁹ Cursos FIC são cursos de qualificação profissional com o intuito de capacitar trabalhadores para o Mercado de Trabalho.

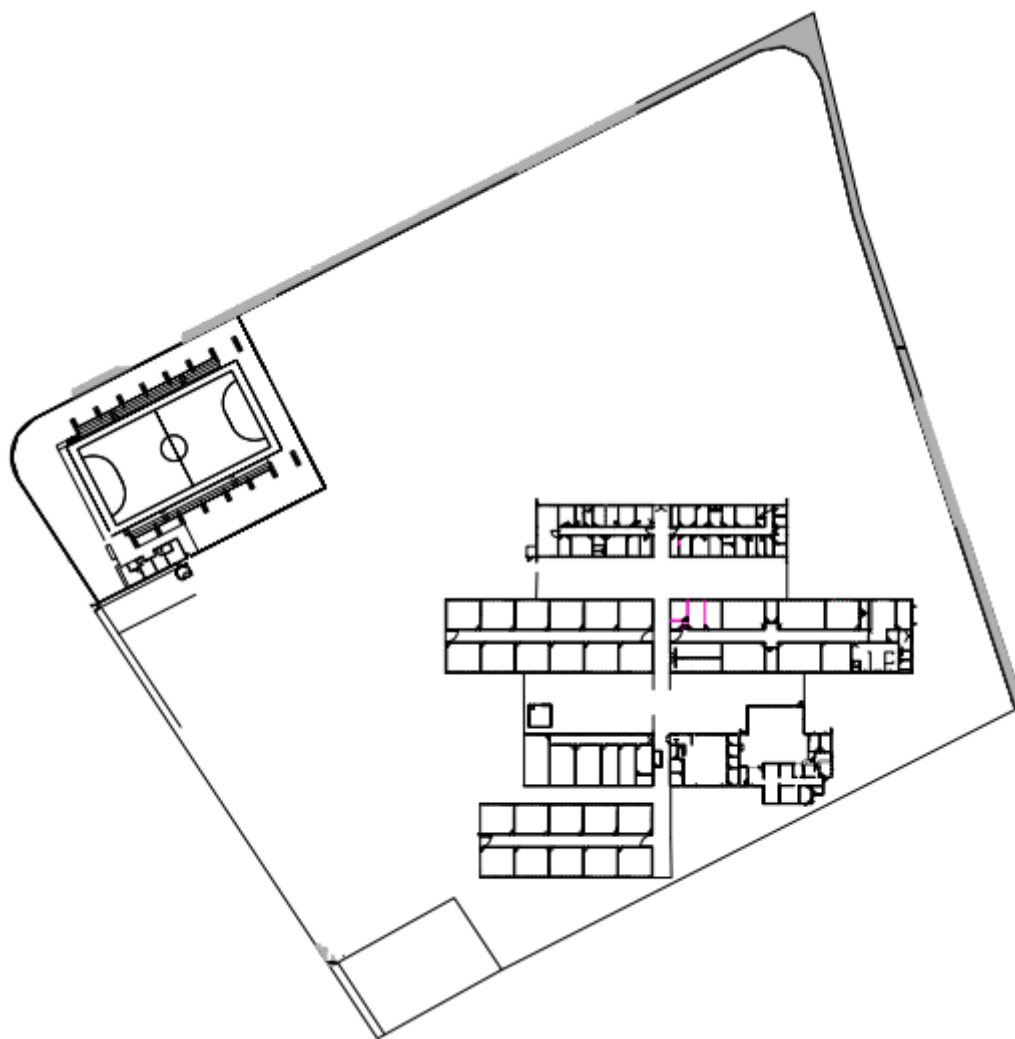


Figura 19: Planta geral do Instituto Federal do Piauí - Campus Teresina Zona Sul, antes das novas atualizações em 2024. Fonte: Autoria do arquiteto James Silva, em 14 de março de 2016, disponibilizada pela própria instituição em 26 de fevereiro de 2024.

Um aspecto curioso da edificação principal é a forte influência da arquitetura modernista perceptível na sua fachada. Esta pode ser notada a partir de elementos como a cobertura de concreto que desempenha uma função predominantemente estética e repleta de arcos. De acordo com Inojosa (2019, p. 127), “na arquitetura moderna brasileira, a estrutura é protagonista e os elementos estruturais, quase sempre aparentes, são responsáveis pela estética e a concepção do espaço arquitetônico”, e essas estruturas presentes no IFPI se tornam um dos aspectos visuais mais interessantes do espaço. Essa cobertura não é estrutural, já que o suporte do prédio é garantido por pilares específicos. Vale destacar que esse detalhe arquitetônico é exclusivo desse campus em Teresina, não estando presente em outros campi da cidade.

A Arquitetura Moderna no Brasil tem seu início durante a Semana de Arte Moderna no país, em 1922, quando o arquiteto Gregori Warchavchik apresentou as ideias vanguardistas

da arquitetura internacional (Inojosa, 2019. p. 73). Em Teresina, o primeiro prédio associado a arquitetura moderna foi onde abrigava a sede do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes - IAPC, construído em 1948, mas sua popularidade na capital só veio na década de 1960 (Lira, 2018, p.42). Acreditamos que estas datas possam dar um indicativo de quando a edificação foi feita, já que pela oralidade e fontes documentais ainda não encontramos essa informação.



Figura 20: Estrutura de cobertura feita de concreto no IFPI - CTZS. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 13 de março de 2024.

O prédio principal do IFPI-CTZS concentra suas atividades em uma edificação principal térrea, bem distribuída, composta por mais de 100 cômodos com funções bem determinadas. São 21 salas de aula, 13 laboratórios com diferentes aplicações, 09 coordenações, 12 banheiros, 04 depósitos, 1 refeitório com 17 cômodos internos, 01 biblioteca com quatro salas de estudo, 04 áreas de convivência, 14 corredores e mais outros cômodos, como é possível ver no mapa numerado a seguir e na tabela abaixo.

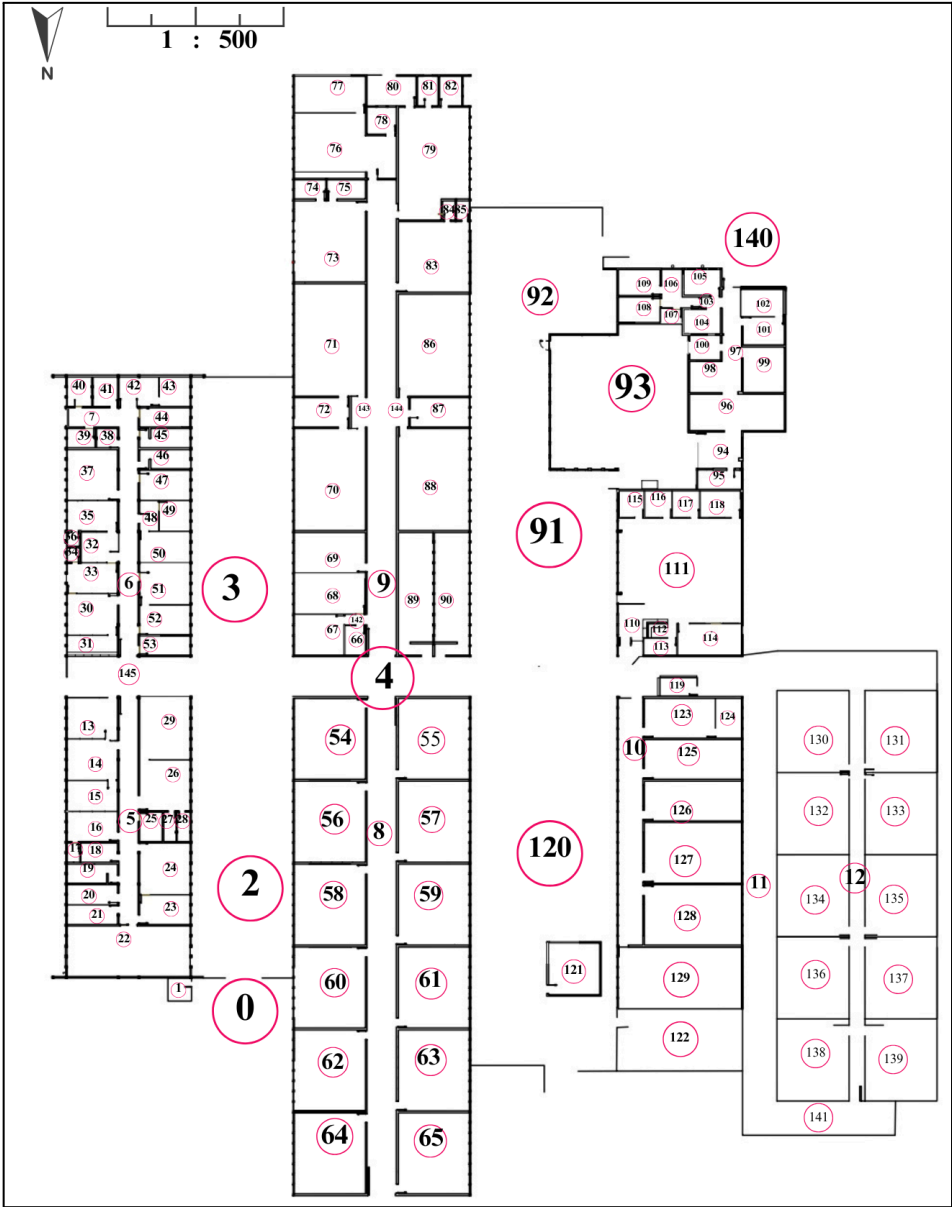


Figura 21: Planta numerada do IFPI - CTZS. Fonte: Autoria pessoal.

Número do Cômodo	Funcionalida de	Número do Cômodo	Funcionalida de	Número do Cômodo	Funcionalida de
0	Entrada	49	Consultório Médico	98	Pré-Preparo
1	Guarita	50	Sala de Enfermagem	99	Freezers
2	Área de Convivência I	51	SIEE	100	Lavabo

3	Área de Convivência II	52	Coordenação de Contabilidade e Finanças	101	Verduras
4	Corredor Principal	53	Gestão de Pessoas	102	Carnes
5	Corredor: Setor Pedagógico	54	Sala 01	103	Corredor: Cozinha
6	Corredor: Setor Administrativo	55	Sala 02	104	Armazenamento: Panelas
7	Corredor: Setor Administrativo	56	Sala 03	105	Armazenamento: Alimentos Não-Perecíveis
8	Corredor: Salas de Aula I	57	Sala 04	106	Hall: Vestiários
9	Corredor: Laboratórios I	58	Sala 05	107	Armazenamento: Produtos de Limpeza
10	Corredor: Laboratórios II	59	Sala 06	108	Vestiário Feminino
11	Corredor: Ar-condicionados	60	Sala 07	109	Vestiário Masculino
12	Corredor: Salas de Aula II	61	Sala 08	110	Entrada da Biblioteca
13	Atendimento - Controle Acadêmico	62	Sala 09	111	Acervo
14	Coordenação do Controle Acadêmico	63	Sala 10	112	Balcão de Atendimento
15	Arquivos	64	Sala 11	113	Depósito
16	Diretoria de Ensino	65	Sala 12	114	Sala dos Bibliotecários
17	Banheiro Privativo	66	Coordenação de Disciplina	115	Sala de Estudos 01

18	Banheiro Feminino	67	Napne	116	Sala de Estudos 02
19	Banheiro Masculino	68	Sala dos Intérpretes de Libras	117	Sala de Estudos 03
20	Psicologia	69	Sala de reuniões	118	Sala de Estudos 04
21	Educação Física	70	Laboratório de Costura	119	Memorial Bibliográfico do IFPI
22	Coordenação de Cursos	71	Laboratório de Modelagem Plana	120	Área de Convivência III
23	Serviço Social	72	Sala dos Técnicos	121	Lanchonete
24	Coordenação Pedagógica	73	Laboratório de alimentos	122	Depósito
25	Coordenação de Apoio ao Ensino	74	Laboratório de Reagentes Químicos	123	Laboratório de Hidrossanitários/ Topografia
26	Salas dos Professores	75	Laboratório de Espectroscopia e Pesagem	124	Anexo
27	Banheiro Feminino	76	Laboratório de Panificação	125	Laboratório de Informática 03
28	Banheiro Masculino	77	Fornos	126	Estamparia
29	Gabinete dos Professores	78	Técnico em Laboratório	127	Saneamento
30	Coordenação de Logística e Manutenção	79	Laboratório de Cozinha	128	Solos
31	Secretaria de Logística e Manutenção	80	Pias	129	Laboratório Multidisciplinar
32	Gabinete da Diretoria Geral	81	Depósito 01	130	Sala 13
33	DEPAP	82	Depósito 02	131	Sala 14

34	Banheiro Privativo	83	Sala de aula	132	Sala 15
35	Diretoria Geral	84	Banheiro Feminino	133	Sala 16
36	Banheiro Privativo	85	Banheiro Masculino	134	Sala 17
37	Coordenação de Licitação e Compras	86	Laboratório de Informática 02	135	Sala 18
38	Almoxarifado	87	Coordenação de Tecnologia da Informação	136	Sala 19
39	Depósito	88	Laboratório de Informática 01	137	LIFE
40	Banheiro Feminino	89	Banheiro Masculino	138	Sala 20
41	Banheiro Masculino	90	Banheiro Feminino	139	Laboratório não identificado
42	Coordenação de Patrimônio e Almoxarifado	91	Área de Convivência IV	140	Área de Serviços - Refeitório
43	Anexo - Copal	92	Anexo	141	Corredor
44	Copa	93	Refeitório	142	Corredor
45	Banheiro Masculino	94	Distribuição	143	Corredor
46	Banheiro Feminino	95	Nutricionista	144	Corredor
47	Consultório Odontológico	96	Cocção	145	Entrada
48	Sala de Espera	97	Corredor: Cozinha		

Figura 22: Tabela numerada dos cômodos do IFPI - CTZS. Fonte: Autoria pessoal.

Relembrando Arantes (2006, p. 431), o prédio do IFPI carrega uma porção de significados construídos e transformados a partir das atividades e das relações sociais que nele são estabelecidas. Baseado nessa informação, é perceptível que a utilidade de alguns espaços

no IFPI acabam ditando a movimentação das diferentes pessoas que frequentam a escola (como funcionários, professores, discentes, terceirizados e outros), mas a funcionalidade do espaço e as regras implícitas serão discutidas mais para frente.

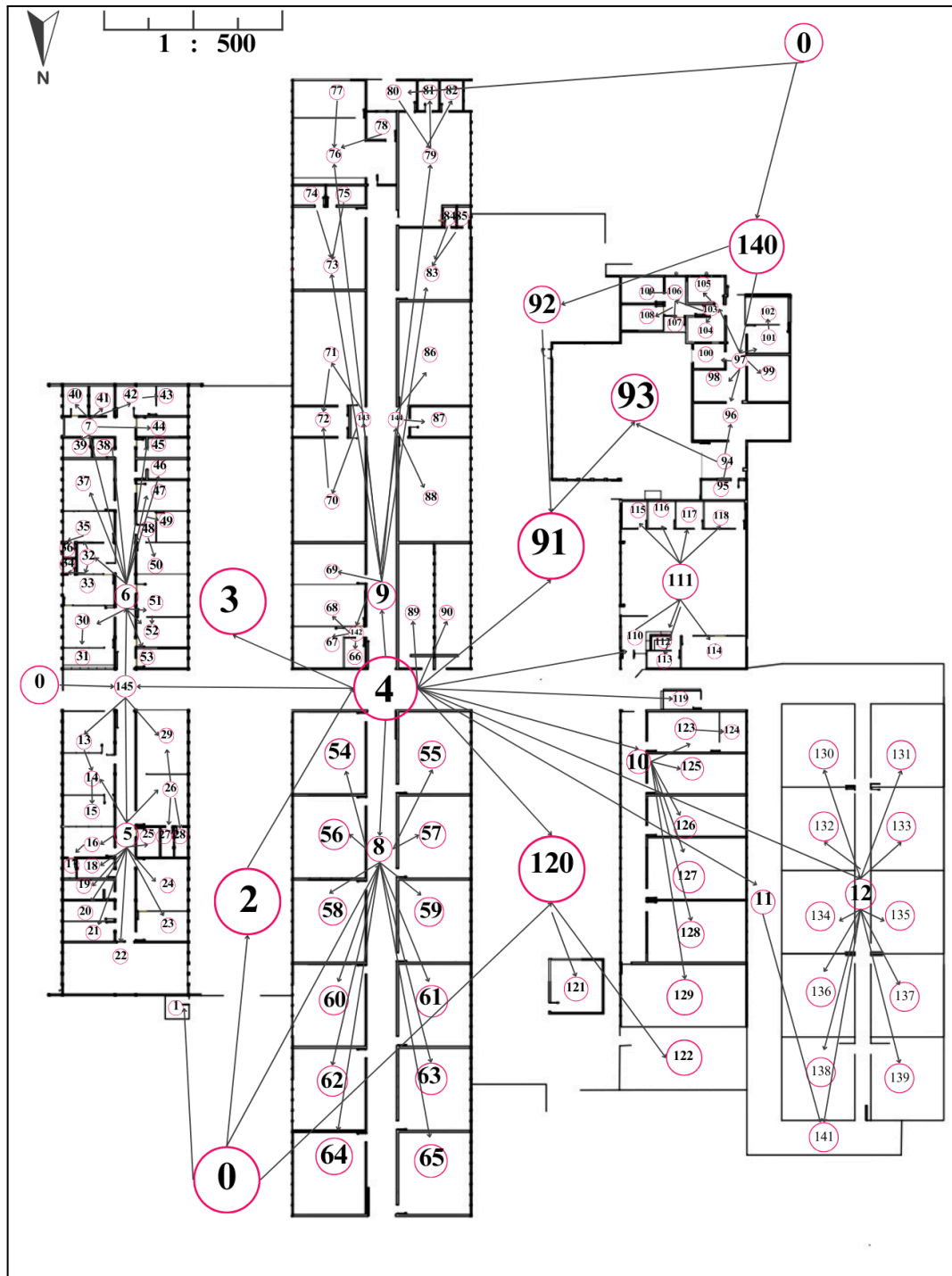


Figura 23: Planta numerada com as possibilidades de locomoção pela instituição. Fonte: Autoria pessoal.

Para explicar as formas de se movimentar dentro do campus, é necessário perceber que o lado externo (representado pelo número 0) se multiplica algumas vezes no mapa. Isso ocorre porque existem muitas entradas na instituição e, para facilitar a compreensão das movimentações, foi preciso repetir o 0 entre elas a fim de demonstrar como ele pode ser acessado de diferentes formas.

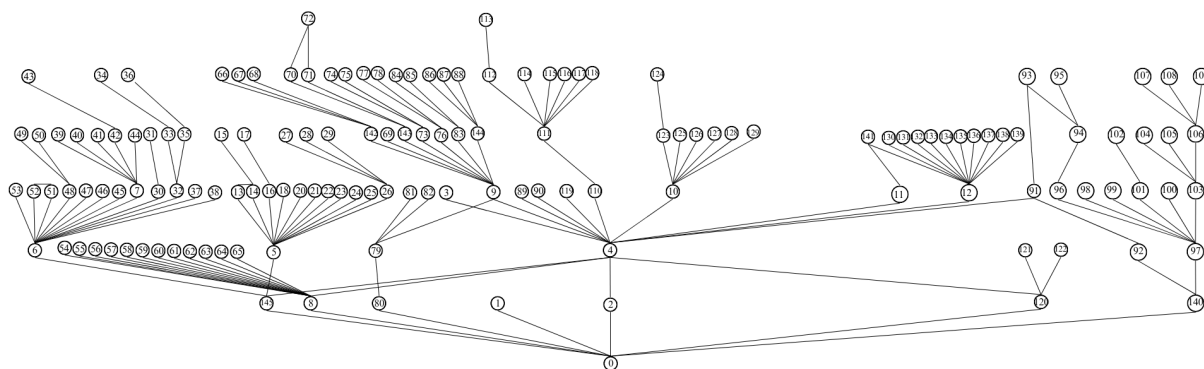


Figura 24: Gráfico resultante do Modelo Gamma. Fonte: Autoria pessoal.

Conforme se pode perceber pelo Modelo Gamma, o campus do IFPI possui seis entradas principais: cômodos 2, 8, 120, 140, 80 e 145. No entanto, nem todas elas estão sempre abertas, ou seja, algumas são temporariamente fechadas e só podem ser acessadas por pessoas que possuem a chave para abri-las e outras encontram-se permanentemente fechadas, com grade e cadeado. Em termos gerais, a entrada através do corredor 2 é a mais utilizada, servindo prioritariamente ao corpo discente, professores, técnicos, funcionários e visitantes. Em contrapartida, a entrada 145 é exclusiva para o corpo docente e os funcionários. A entrada 120, situada próxima à lanchonete e a um dos depósitos, é destinada às entregas, enquanto a entrada 140, que dá acesso à cozinha, é reservada aos funcionários desse setor. Por fim, as entradas 8 e 80, designadas como saídas de emergência para salas de aula e um dos laboratórios, permanecem frequentemente trancadas, comprometendo sua funcionalidade. Assim, ainda que o discurso inicial do prédio comunique que ele pode ter diferentes formas de acesso, na prática, não acontece dessa forma.

A partir da entrada 0, o primeiro cômodo acessível diretamente é o 1, que se trata da guarita, mas a movimentação termina aí, posto que seu acesso só é realizado pelo vigia. No entanto, se o percurso for do 0 até o cômodo 2, que é corredor principal de entrada na edificação, acessado por discentes, funcionários, professores, prestadores de serviços e outros,

é possível seguir até o 4 e, em seguida, até o 3. O cômodo 4 também dá acesso ao corredor 8, aos banheiros 89 e 90, aos corredores 9 e 10, aos cômodos 91 e 120, e ao corredor 11, que leva ao cômodo 119 e ao corredor 12.

Para melhor explicar a forma como podem ocorrer as movimentações pelo prédio do IFPI, o dividi nos seguintes blocos:

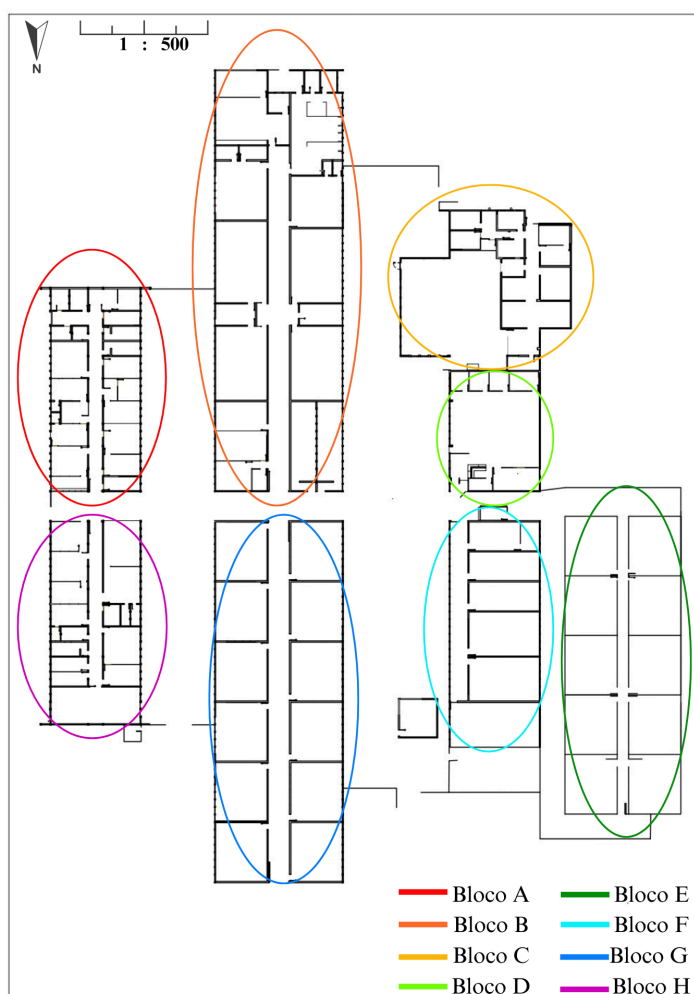


Figura 25: Blocos circulados. Fonte: Autoria pessoal.

O Bloco A compõe o setor administrativo da instituição, onde se encontram as coordenações administrativas, almoxarifados, 04 banheiros e setor de saúde. Para adentrar no corredor principal do Bloco A (o cômodo 6), existem dois caminhos: 0-2-4-145-6 ou 0-145-6. A partir do 6, é possível ir para o 30, 32, 37, 38, para o corredor 7, 45, 46, 47, 48, 51, 52 e 53. Do 30, vai até o 31, do 32 é possível as rotas 32-33-34 ou 32-35-36, do 48 pode ir até o 49 ou até o 50 e o 51 e 52 são interligados. O 7 vai até o 39, 40, 41, 42-43 e 44.

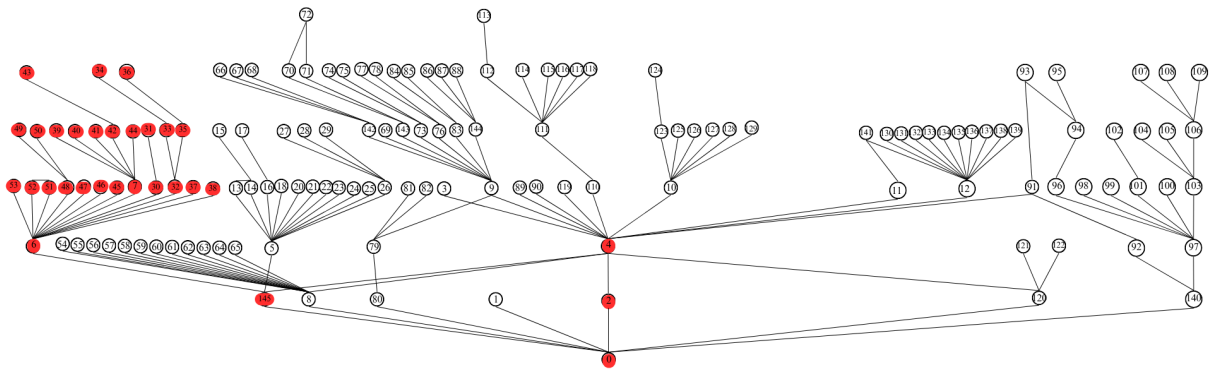


Figura 26: Localização do Bloco A no gráfico. Fonte: Autoria pessoal.

O Bloco B, que corresponde ao primeiro setor de laboratórios, oferece duas rotas para acessar o corredor principal, identificado pelo número 9. A rota mais direta é 0-80-79-9. Outra alternativa é atravessar o corredor principal da edificação, o número 4. A partir do 9, é possível acessar os números 142, 69, 143, 73, 76, 79, 83 e 144. Cada setor possui conexões específicas:

- Do 142, há acesso ao 66, 67 e 68.
- O 143 conecta-se ao 70 e 71, ambos ligados ao 72.
- O 73 leva ao 74 e ao 75.
- O 76 se conecta ao 77 e 78.
- O 79, além de ir para o 80, também se liga ao 81 e 82.
- O 83 conecta-se ao 84 e 85.
- Finalmente, o 144 dá acesso aos números 86, 87 e 88.

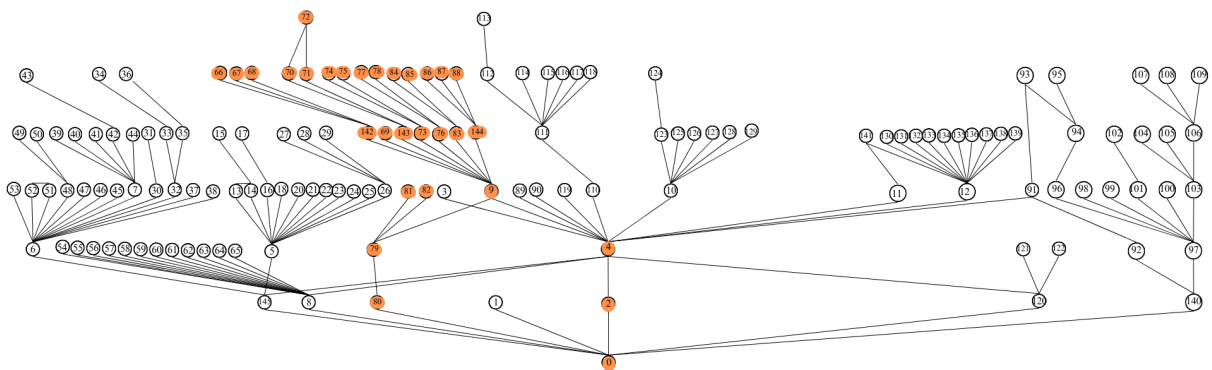


Figura 27: Localização do Bloco B no gráfico. Fonte: Autoria pessoal.

O Bloco C, representando o refeitório e a cozinha interna do IFPI, tem como ponto central o 140. Deste, é possível chegar ao 92 e, em seguida, ao 91, que também é acessível pelo 4. Além disso, o 140 leva ao 97, que se conecta ao 96, 98, 99, 100, 101 e 103. Partindo do 96, chega-se ao 94, que leva ao 95 e ao 93, que termina no 91. O 101 dá acesso ao 102, enquanto o 103 se conecta ao 104, 105 e 106. A partir do 106, pode-se ir ao 107, 108 e 109.

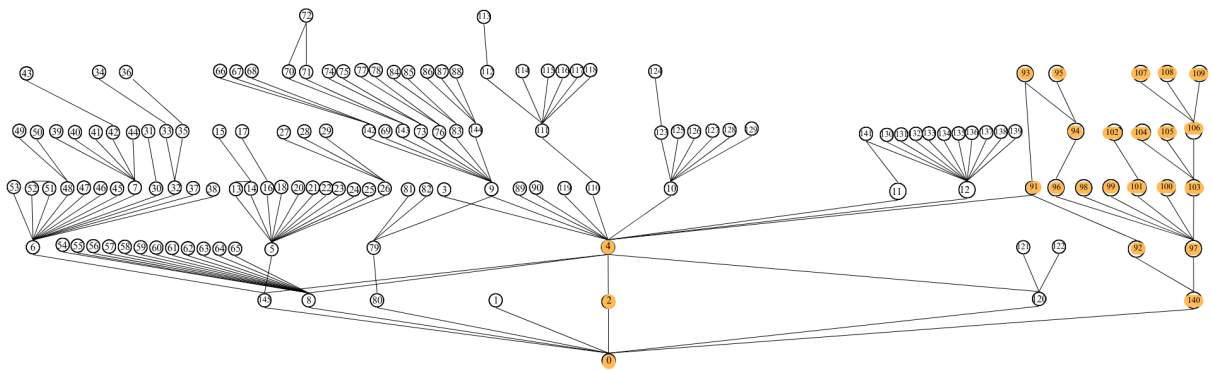


Figura 28: Localização do Bloco C no gráfico. Fonte: Autoria pessoal.

O Bloco D corresponde à biblioteca. A partir do 4, acessa-se o 110, que leva ao 111. Do 111, é possível ir para os números 112, 114, 116, 117 e 118, enquanto o 112 conecta-se ao 113. O Bloco E é um corredor de salas de aula representado pelo número 12. A partir deste ponto, tem-se acesso aos números 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139 e 141.

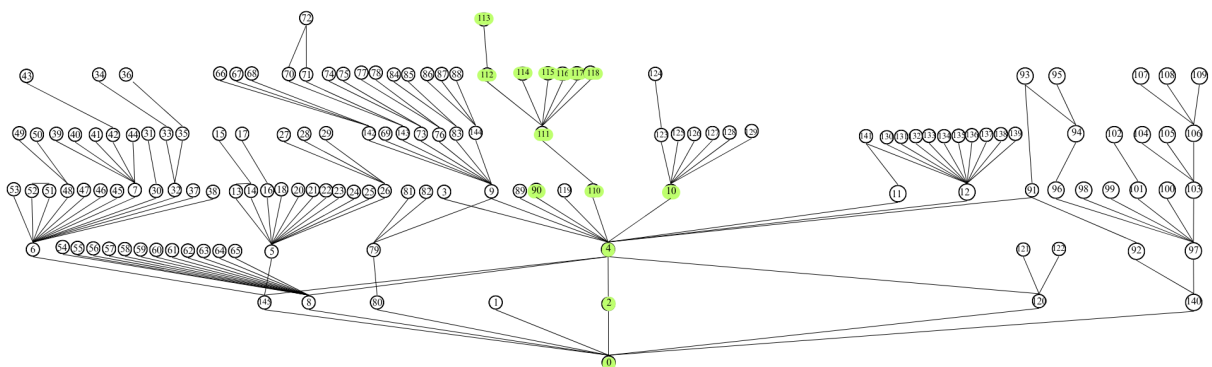


Figura 29: Localização do Bloco D no gráfico. Fonte: Autoria pessoal.

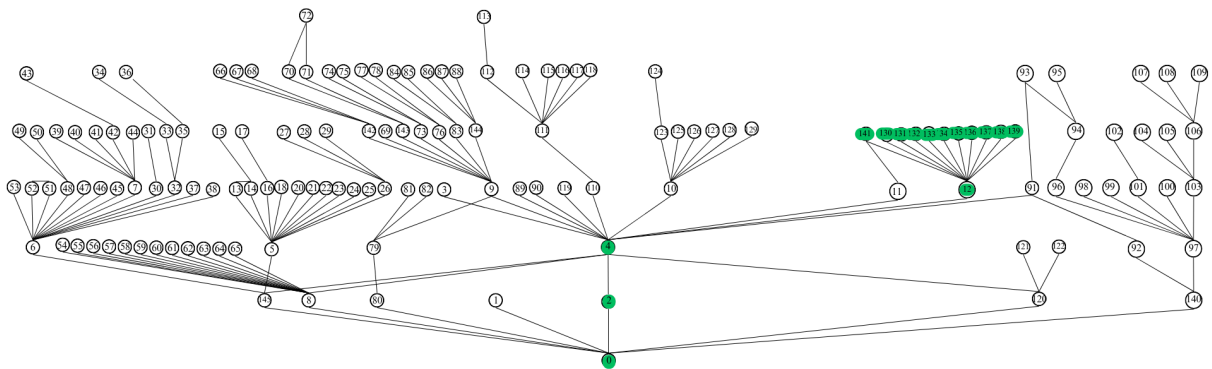


Figura 30: Localização do Bloco E no gráfico. Fonte: Autoria pessoal.

O Bloco F representa o segundo corredor de laboratórios, indicado pelo número 10. A partir do 10, é possível acessar os números 123, 125, 126, 127, 128 e 129, com o 123 se ligando ao 124.

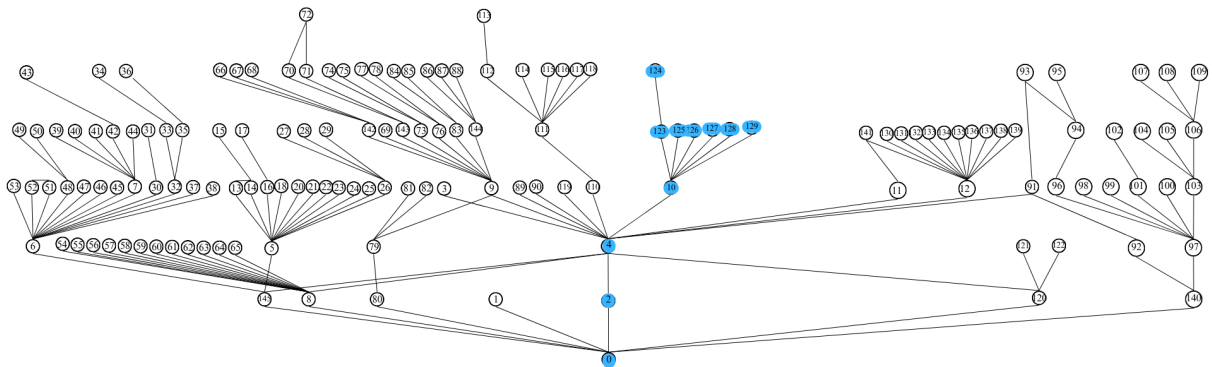


Figura 31: Localização do Bloco F no gráfico. Fonte: Autoria pessoal.

O Bloco G é outro corredor de salas de aula, marcado pelo número 8, acessível a partir do 4 ou diretamente do 0. Do 10, é possível se mover para os cômodos 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64 e 65.

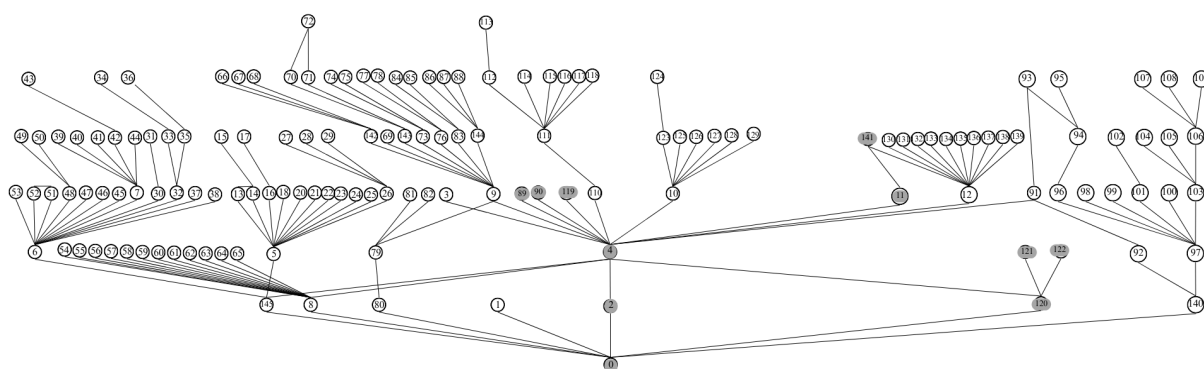


Figura 34: Localização de outras movimentações no gráfico. Fonte: Autoria pessoal.

Além de possuir muitas possibilidades de entrada e saída, ao menos em teoria e diferentes formas de circulação (diferentes rotas de chegar aos blocos e aos cômodos), a análise do Modelo Gamma do IFPI apresenta uma certa horizontalidade, que existe, justamente, pelas suas diversas formas de entrada. Diante da quantidade de cômodos existentes, a hierarquia entre eles poderia ser maior, mostrando um gráfico mais vertical, o que não se percebe. Todavia, isso não significa que não exista hierarquia entre seus cômodos, conforme se pode perceber, alguns são mais acessíveis e outros são mais restritivos.

Os pontos de mais fácil acesso são os pontos 1, 2, 8, 80, 120, 140 e 145, já que estas são as entradas e é possível chegar diretamente a partir do lado de fora. Em contrapartida, os pontos de mais difícil acesso são os pontos 72 e 113, estes precisando percorrer seis pontos diferentes até adentrar estes cômodos e se caracterizam pela sala de técnicos e depósito.

Os pontos panópticos estão distribuídos por todo o prédio e geralmente caracterizam-se pelos corredores (4, 5, 6, 8, 9, 10 e 12), com maior concentração nos corredores principais, deles são realizadas ligações para áreas de laboratórios, salas de aula, coordenação e pedagogia. Esses corredores, geralmente, exigem o trânsito por um ou dois outros espaços para serem acessados, o que os torna elementos-chave na dinâmica e movimentação dentro do ambiente escolar.

É importante informar que alguns destes corredores (02, 03 e 91) apresentam áreas de sociabilidade, quer dizer, móveis construídos em alvenaria, dispostos para os alunos se sentarem, conversarem e ficarem nos intervalos entre as aulas. Neles também são encontrados murais de comunicação, justamente por serem áreas de grande visibilidade na edificação. E neles também são percebidas comidas deixadas para a animais que frequentam o campus, especialmente gatos. Assim, ao mesmo tempo que se tratam de pontos panópticos, também

são locais públicos, de encontro, conversas e sociabilidade, subvertendo, em certa medida, a sua função controladora. Uma outra leitura possível, é que estes móveis urbanos foram justamente alocados ali por serem áreas de mais fácil controle dessa sociabilidade .



Figura 35: Espaços de sociabilidade no IFPI - CTZS. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 13 de março de 2024.

De modo geral, o modelo gamma resultante da planta do IFPI, o caracteriza como uma edificação distributiva, pois o prédio pode ser acessado por mais de uma entrada e saída, além disso, ele apresenta diferentes possibilidades de movimentação dentro dele. Cabe frisar que os cômodos, no geral, possuem apenas uma porta para entrada e saída, porém, existem muitas formas de entrada e saída na edificação, como um todo, bem como diferentes meios de se movimentar dentro dela, por isso, a sua classificação foi distributiva. Além disso, o modelo é assimétrico, uma vez que o trajeto necessário para acessar certos blocos e cômodos é mais longo ou complexo em comparação a outros, refletindo uma distribuição espacial desigual e que sugere hierarquias entre os cômodos. De fato, pela quantidade de cômodos, essa hierarquia poderia ser maior e a horizontalidade da edificação promove esta sugestão, no entanto, isso não é um indicativo de que não exista hierarquia entre os cômodos, como o Modelo Gamma demonstra.

Embora o modelo gamma sugira diversas possibilidades de movimentação, sobretudo em relação às formas de entrada no prédio, é importante destacar que esses espaços não são utilizados de maneira uniforme, sendo condicionados pelos grupos sociais e pelas funções específicas de cada ambiente. A entrada principal do campus é a número 2, usada prioritariamente pelo corpo discente, conforme expliquei antes. Já as entradas 8 e 80 servem exclusivamente como saídas de emergência, mas geralmente encontram-se fechadas. A entrada 140, que dá acesso à cozinha, é restrita aos funcionários do refeitório, enquanto a

entrada 120 é destinada às entregas, pois está localizada próxima à lanchonete e a um dos depósitos.

Em conclusão, a análise da arquitetura do IFPI pelo modelo gamma apresenta um prédio complexo, que não deixa de ter seus pontos de controle e disciplinamento, como a maioria das edificações modernas tem, mas, ao mesmo tempo, contém mecanismos que o questionam.

3.2. Contravenção, mas nem tanto: análise das manifestações das paredes do IFPI

Foram analisadas 56 intervenções diferentes nas paredes dos principais corredores, bibliotecas e banheiros do IFPI, estas foram classificadas na ficha de análise enunciada na metodologia. Os resultados estão dispostos nos gráficos abaixo.

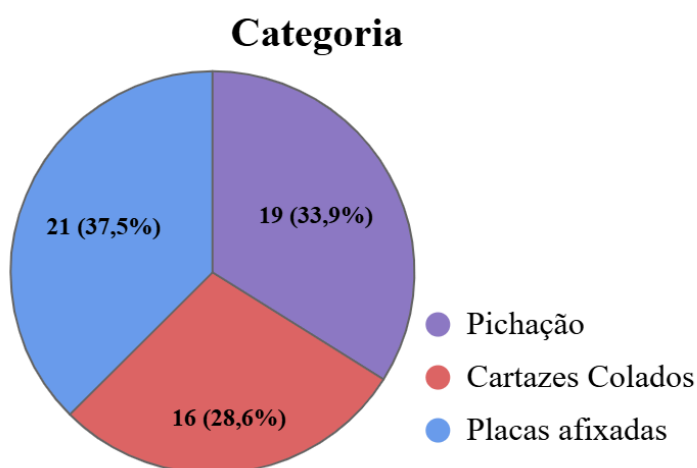


Figura 36: Gráfico das categorias de intervenções em paredes. Fonte: Autoria pessoal.

Entre as 56 manifestações analisadas nas paredes do IFPI, observa-se uma concentração em três categorias principais: pichações, cartazes colados e placas afixadas. Conforme indicado pelo gráfico, a quantidade de intervenções é relativamente equilibrada, embora um tipo se destaque. As placas afixadas representam a maior parcela (37,5%), seguidas pelas pichações (33,9%) e pelos cartazes colados (28,6%). Apesar dessa proximidade nos números, as formas como essas manifestações se apresentam dentro da instituição revelam diferenças significativas.



Figura 37: Pichação em paredes. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

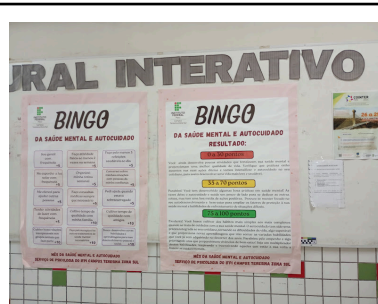


Figura 38: Cartazes colados em quadros de avisos. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

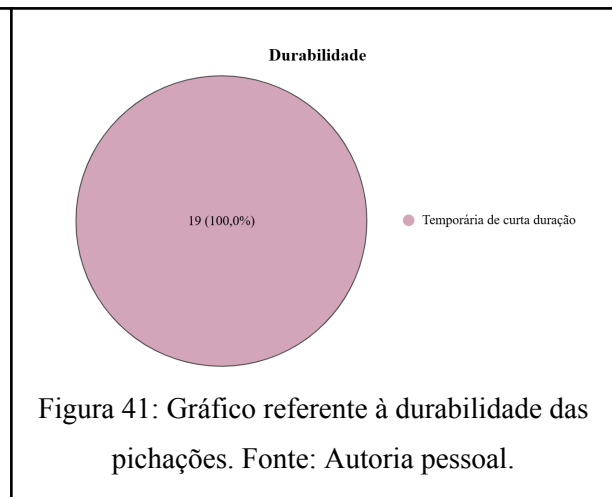
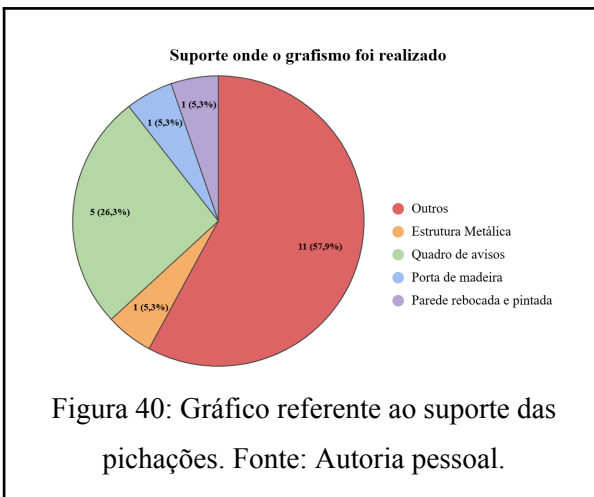


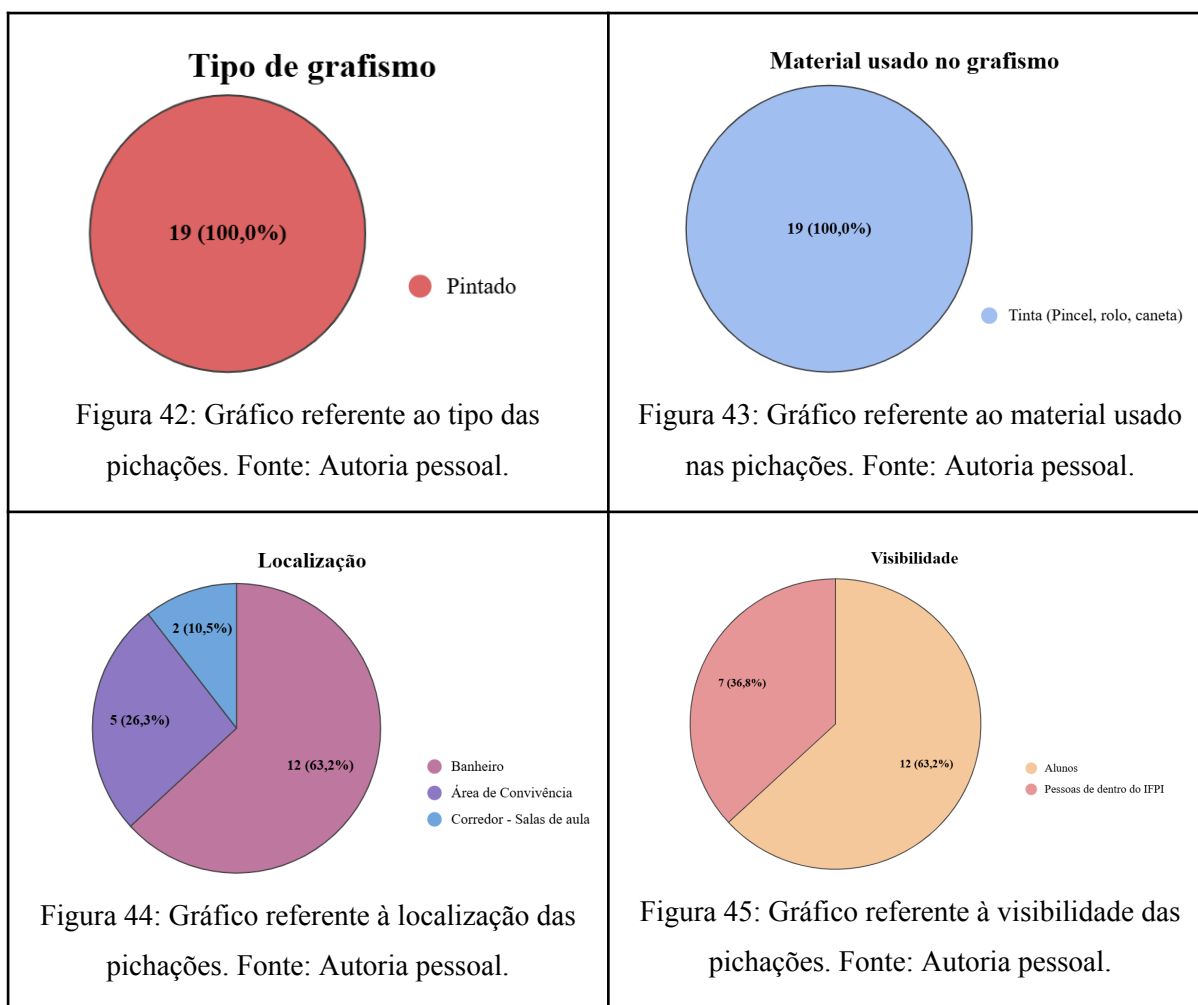
Figura 39: Placa de formatura . Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

3.2.1. Pichações

Isnardis (1997, p.144) cita que “o fenômeno de grupo de jovens pichadores só faz sentido enquanto relacionado aos elementos da sociedade em que se insere”, assim, os simbolismos das pichações estudantis se correlacionam diretamente com o ambiente escolar, incluindo as técnicas utilizadas, a localização, a visibilidade dessas intervenções e o seu conteúdos.

Os gráficos abaixo correspondem às pichações relacionadas ao suporte dos grafismos, durabilidade, tipo, material usado, localização e visibilidade.





Entre as 19 intervenções analisadas nesta categoria, a maior parte delas se encontra em Quadros de avisos ou em outros tipos de suporte. Pouquíssimas intervenções são encontradas em paredes rebocadas, pintadas ou em locais de maior visibilidade. A maior parte dos grafismos encontrados, por exemplo, se encontra nos box dos banheiros, seja nas paredes divisórias de granito ou então nas portas. Esse dado se relaciona diretamente com a visibilidade, já que a maioria das pichações estão visíveis apenas para os alunos.

Outros dados complementares incluem a durabilidade, o tipo de grafismo e o material utilizado. Todas as pichações são realizadas com algum tipo de tinta, seja com pincel ou caneta, o que não causa danos permanentes às superfícies, como aconteceria com gravuras feitas com objetos cortantes, como estiletes ou tesouras, que no caso do IFPI, são ausentes. Além disso, trata-se de intervenções de baixa durabilidade, as quais podem ser removidas facilmente com um pano embebido em álcool ou, em casos mais resistentes, com uma simples demão de tinta.

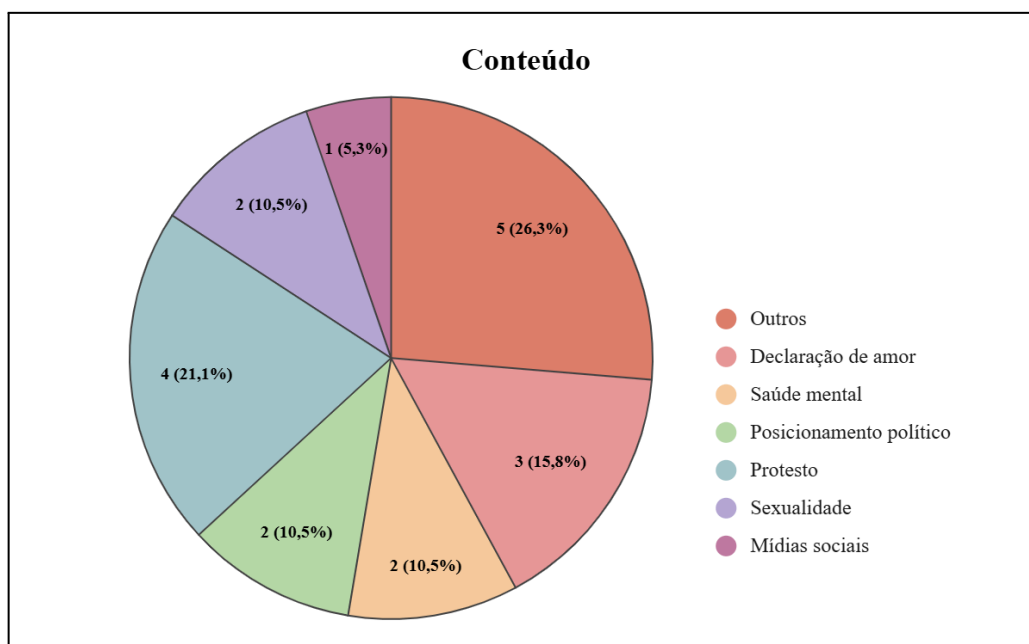


Figura 46: Gráfico referente ao conteúdo das pichações. Fonte: Autoria pessoal.

O conteúdo das pichações abrange temáticas bem mais variadas em comparação com outras formas de intervenção. A maior parte das pichações, correspondendo a 26,3% das intervenções, não apresenta uma temática claramente definida, incluindo desenhos livres (para não dizer aleatórios) ou apenas nomes escritos. A segunda maior categoria envolve posicionamentos políticos, com mensagens de apoio ou repúdio a presidentes brasileiros, bem como declarações de alinhamento a correntes ideológicas, como o símbolo do comunismo. Além dessas, também foram identificadas mensagens relacionadas a declarações de amor, saúde mental, protestos, principalmente sobre educação, sexualidade, e referências às mídias sociais, especialmente ao Instagram.

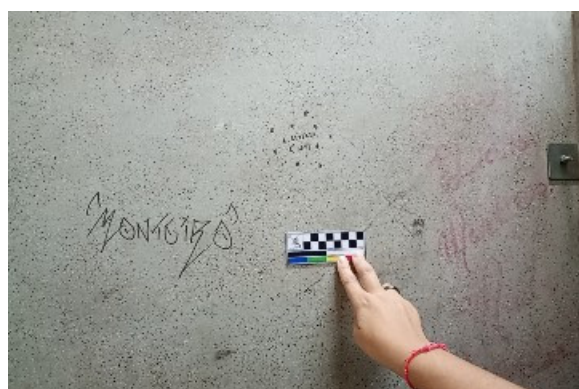


Figura 47: Pichação com conteúdo diverso.
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.



Figura 48: Pichação com declaração de amor.
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.



Figura 49: Pichação com mensagem de saúde mental. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.



Figura 50: Pichação com símbolo do comunismo. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

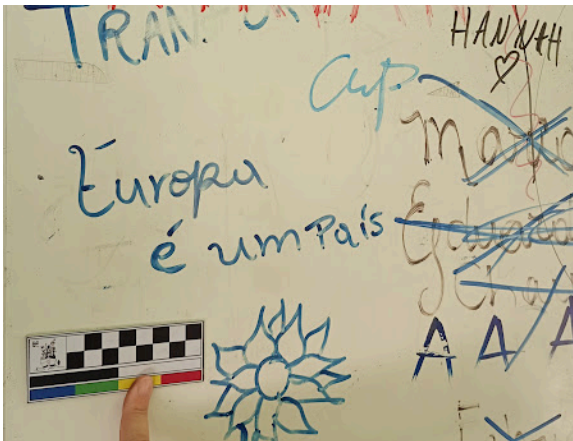


Figura 51: Pichação com Protesto. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

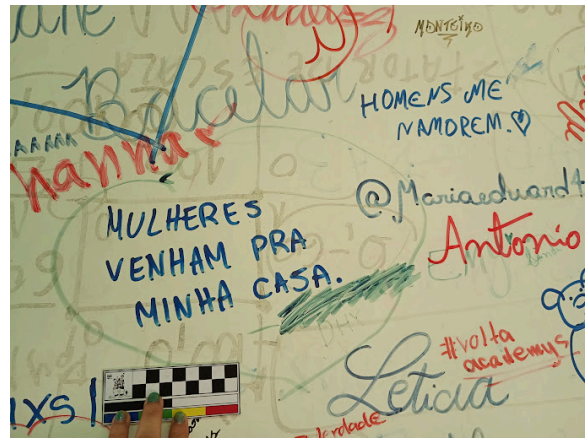


Figura 52: Pichação com conteúdo sobre Sexualidade. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

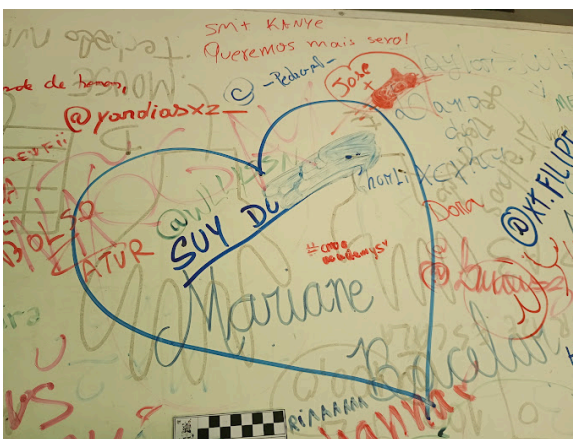


Figura 53: Pichação com Mídias sociais. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.



Figura 54: Quadro repleto de pichações dos alunos, localizado no cômodo 91. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

Duas pichações em específico merecem menção, posto que tratam diretamente do sistema educacional, nelas estava escrito: “o sistema escolar... mata” e “odeio essa maldita escola. Vou cagar na boca de vocês”. Elas foram feitas com tinta (provavelmente marcador de quadro branco), uma está localizada no banheiro (cômodo 90) e outra no quadro branco que fica na área de convivência IV (Cômodo 91). Provavelmente foram feitas pelos estudantes do IFPI e trazem uma expressão clara dessas pessoas com relação ao seu sentimento acerca do ensino.

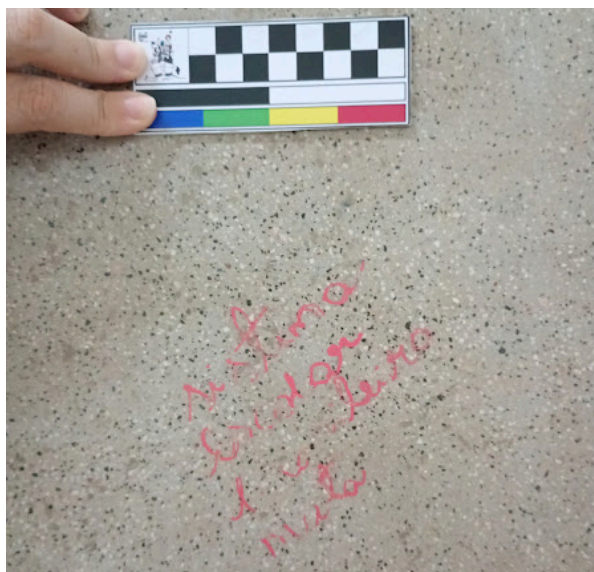


Figura 55: Pichação com a frase “o sistema escolar... mata”. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

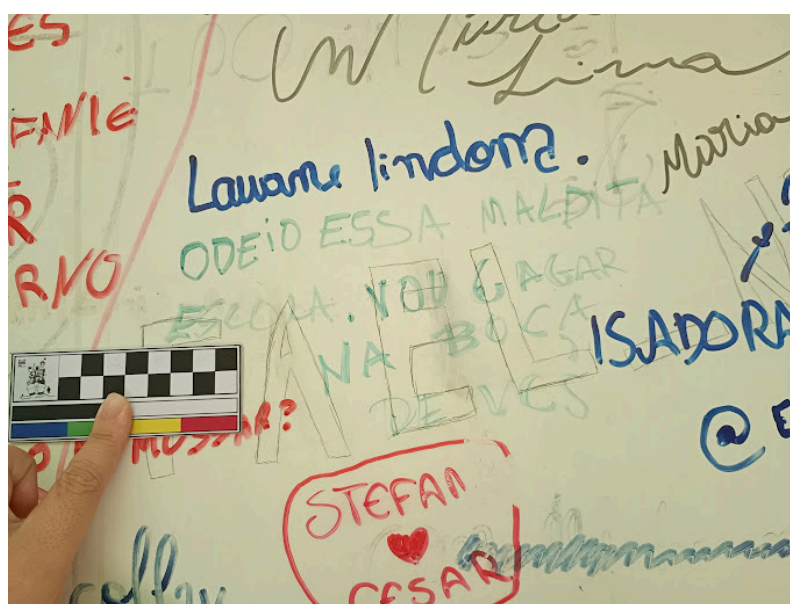


Figura 56: Pichação escrita “odeio essa maldita escola. Vou cagar na boca de vocês”. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

3.2.2. Cartazes colados

Se tratando de cartazes colados, eles possuem resultados significativamente diferentes das pichações encontradas pela instituição, como pode ser percebido nos resultados abaixo:

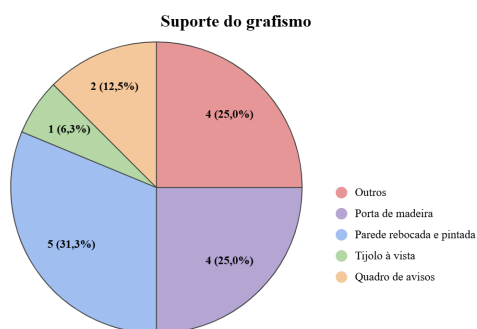


Figura 57: Gráfico referente ao suporte dos cartazes colados. Fonte: Autoria pessoal.

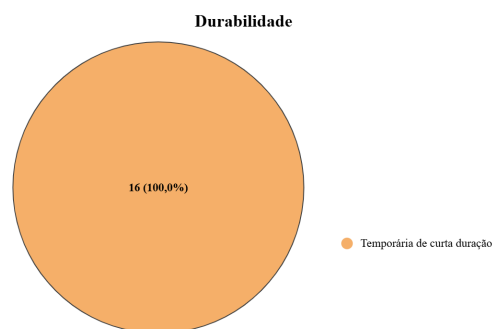


Figura 58: Gráfico referente à durabilidade dos cartazes colados. Fonte: Autoria pessoal.

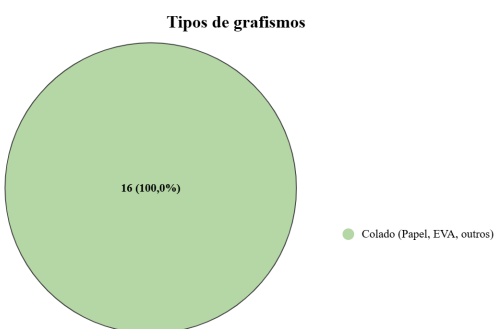


Figura 59: Gráfico referente ao tipo dos cartazes colados. Fonte: Autoria pessoal.

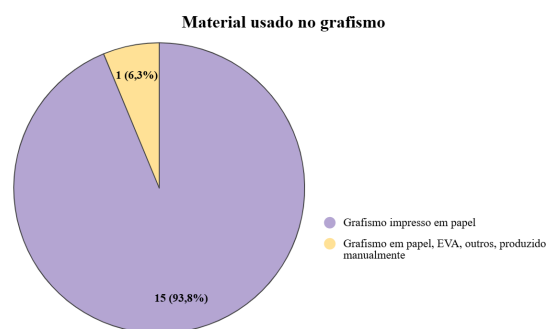


Figura 60: Gráfico referente ao material usado nos cartazes colados. Fonte: Autoria pessoal.

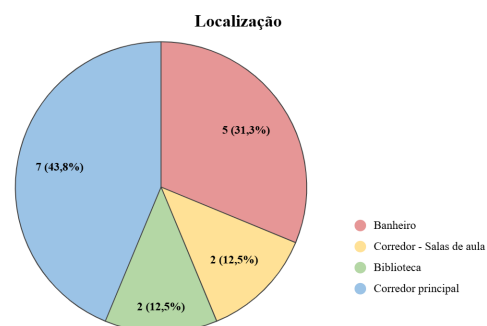


Figura 61: Gráfico referente à localização dos cartazes colados. Fonte: Autoria pessoal.

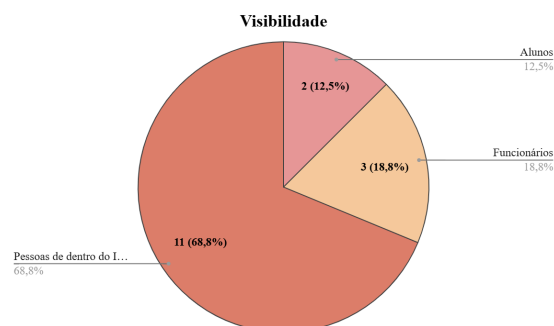


Figura 62: Gráfico referente à visibilidade dos cartazes colados. Fonte: Autoria pessoal.

Essas intervenções, tal qual as pichações, também são de curta duração e coladas nas superfícies. Em contrapartida, essas intervenções têm maior visibilidade tanto em público quanto em localização. A maior diferença dessas intervenções se mostra no suporte onde se encontram estes cartazes, sendo que foram afixadas em quadros de aviso, tijolos à vistas, portas de madeira e, principalmente, parede rebocadas e pintadas. Muitas delas para serem coladas, certamente, necessitaram de uma autorização administrativa para tal, se não para serem fixadas, para lá permanecerem.

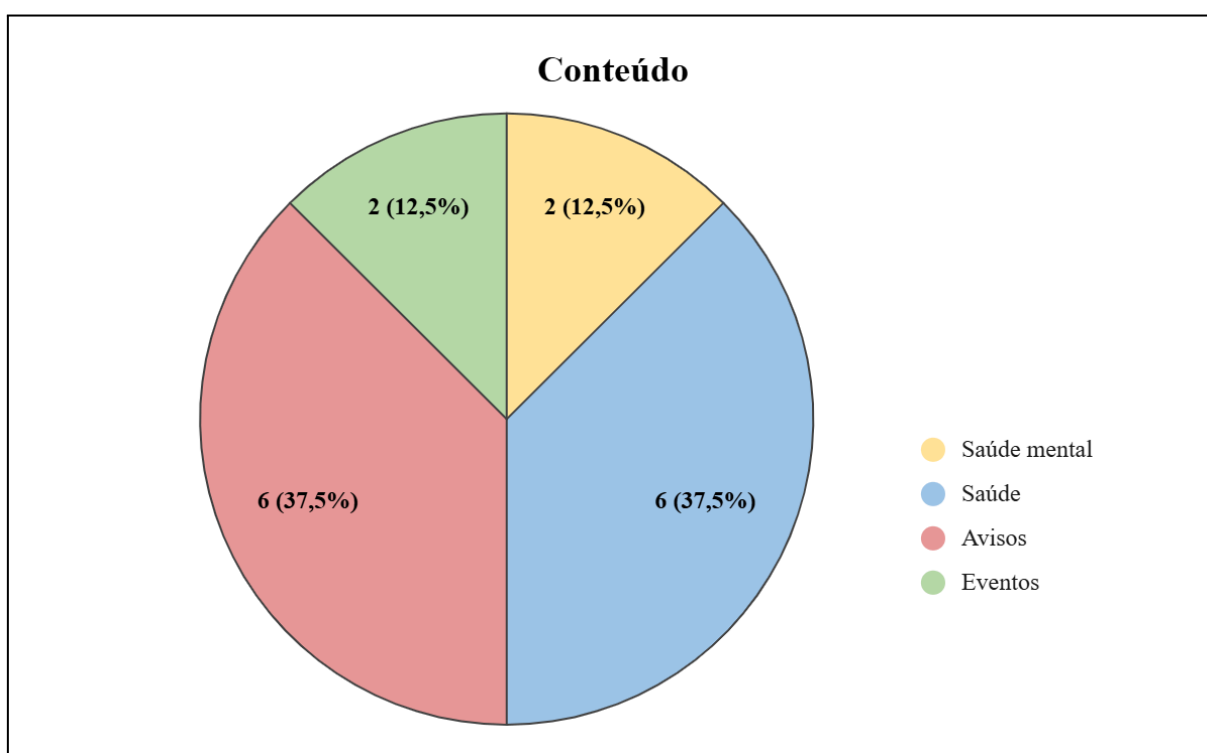


Figura 63: Gráfico referente ao conteúdo dos cartazes colados. Fonte: Autoria pessoal.

No entanto, o conteúdo desses cartazes corresponde, principalmente, a avisos institucionais associados ao funcionamento geral da escola, estando direcionadas a todas as pessoas que a frequentam, não apenas estudantes. Outra temática recorrente é a saúde, estando registrada em cartazes sobre higiene no banheiro ou então informes sobre doenças e prevenção. Outro tópico recorrente são eventos na instituição (como feiras) ou então campanhas de prevenção ao suicídio ou saúde mental.

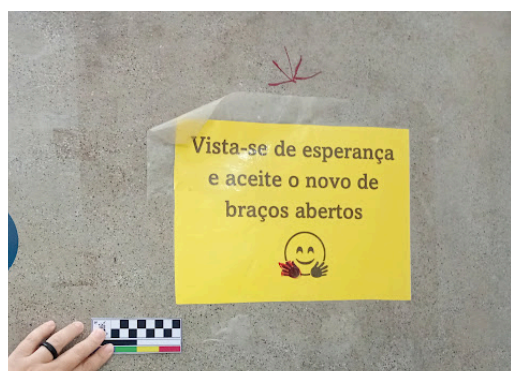


Figura 64: Cartaz colado sobre saúde mental. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.



Figura 65: Cartaz colado sobre saúde. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

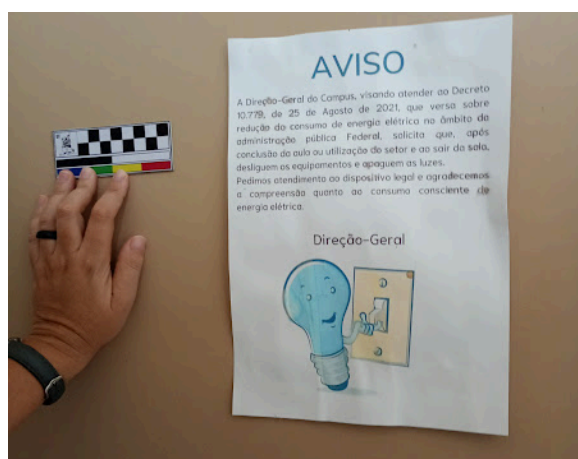


Figura 66: Cartaz colado com avisos. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

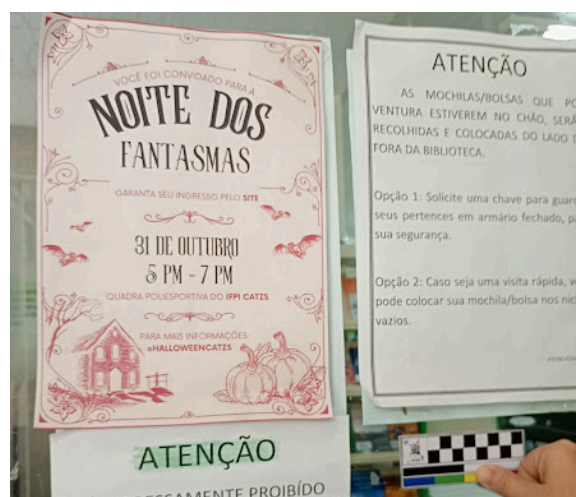
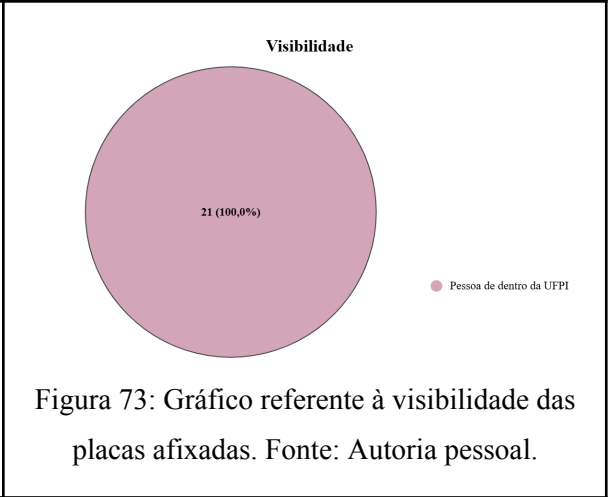
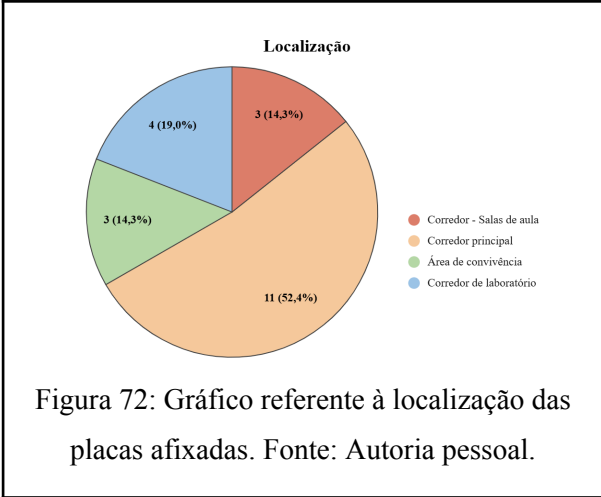
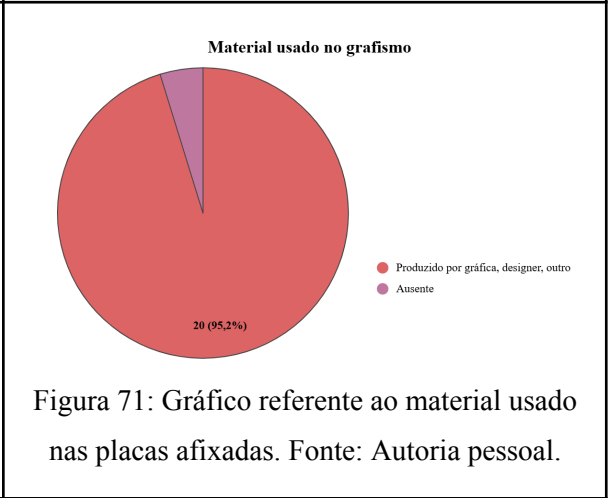
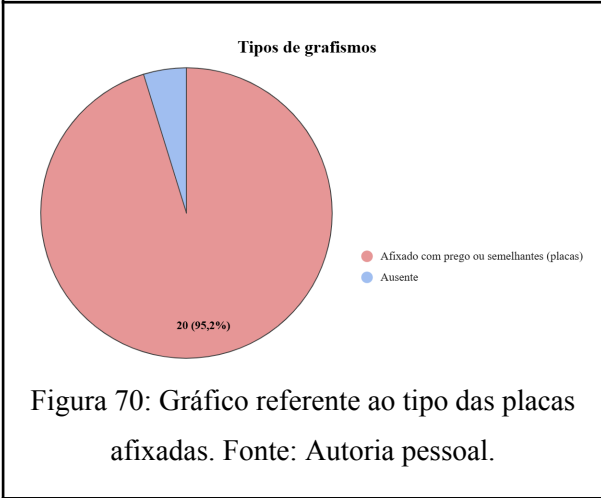
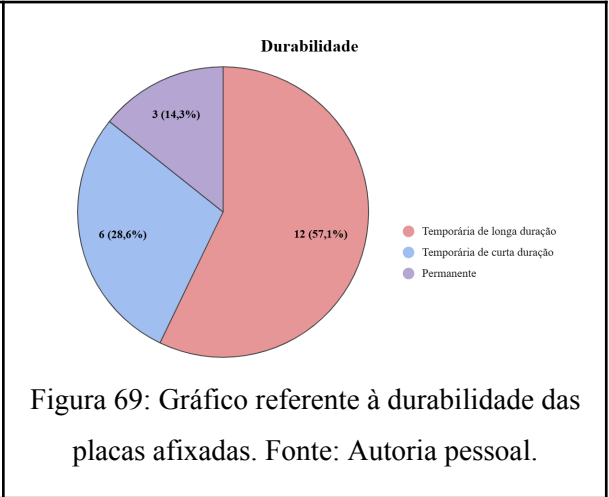
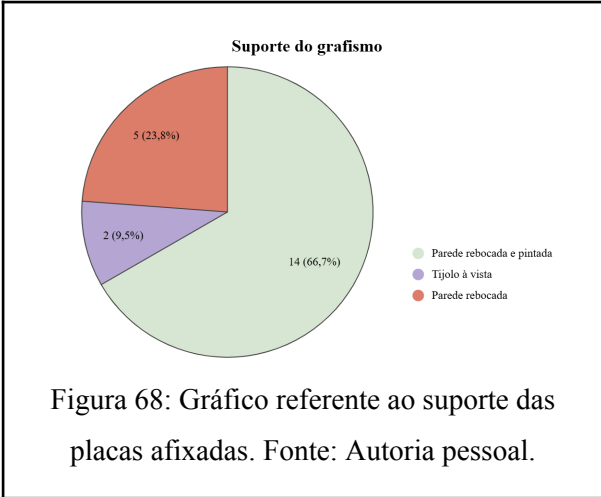


Figura 67: Cartaz colado sobre eventos. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.

3.2.3 Placas afixadas

Se tratando de visibilidade, o que é mais perceptível nos corredores do IFPI são placas afixadas, principalmente nos corredores. Outro ponto que destaca essas placas afixadas, além de estarem em maior quantidade, é a única categoria que possui uma alta durabilidade, com 57,1% dessas intervenções serem de longa duração e 14,3% sendo permanentes nas paredes. O material usado nessas placas afixadas é, em sua maioria, produzido por gráfica ou designer, diferente dos anteriores, mais artesanais e até improvisados. Uma outra particularidade dessa categoria é que é o único tipo de intervenção que pode ser encontrada com o conteúdo ausente (vide figura 78).



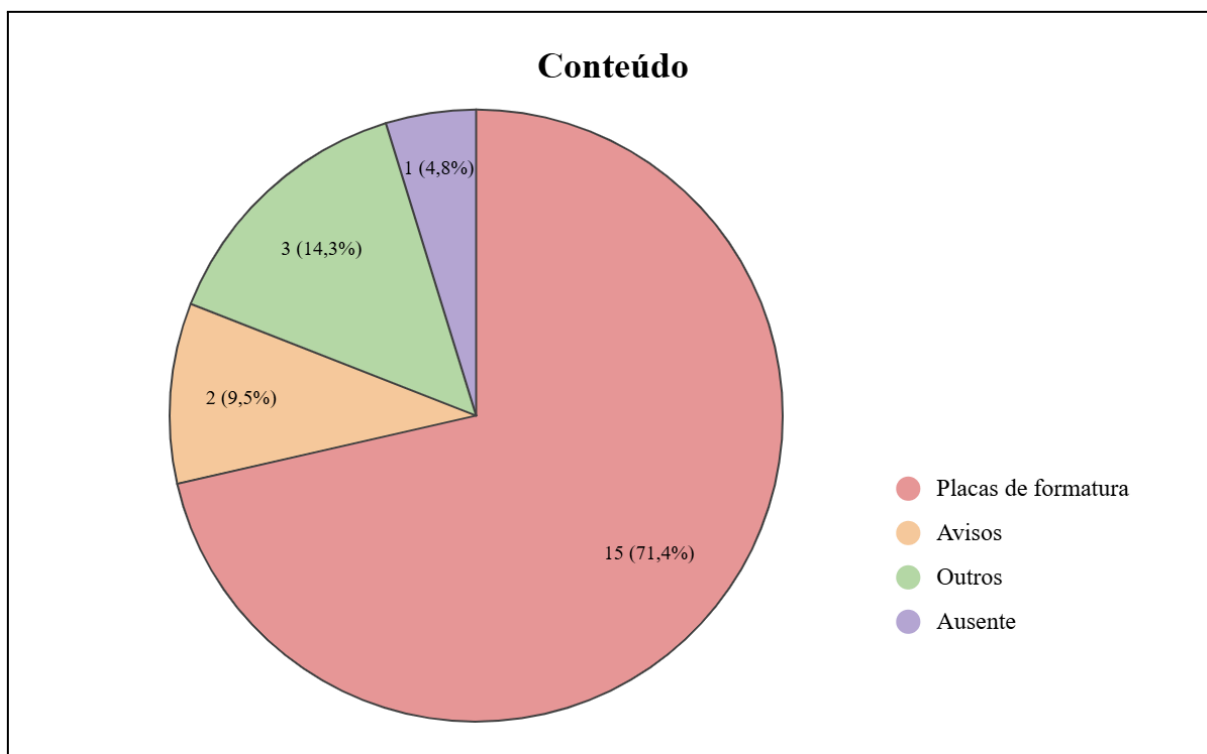


Figura 74: Gráfico referente ao conteúdo das placas afixadas. Fonte: Autoria pessoal.

Uma coisa a ser destacada é o conteúdo entre essas placas afixadas. A maior parte delas são placas de formatura que se localizam nos principais corredores. Como ex-aluna, sei que essas placas foram feitas pelas turmas que já estudaram e se formaram, deixando essa lembrança nas paredes, em uma forma de garantir seu pertencimento na instituição. Assim, por um lado, são manifestações feitas pelos estudantes, ou melhor, por eles encomendadas, e, por outro lado, não deixam de ser itens institucionalmente promovidos. As placas de formatura possuem um efeito pedagógico, já que é uma forma da instituição mostrar quantos alunos vem formando ao longo do tempo, incentiva as turmas a quererem ter seus próprios quadros presentes nas paredes, gerando até uma certa competição entre as turmas, e motiva os estudantes a terminarem o curso para concluírem a graduação.

Além destas, destaco placas que transmitem mensagem de ordem, como silêncio, ou ainda aquelas associadas a itens de segurança no prédio, como extintores de incêndio e saída. Estas placas endossam o discurso não verbal da edificação voltado ao controle ou disciplinamento.



Figura 75: Placa de formatura. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.



Figura 76: Placa afixada a partir da qual avisos poderiam ser colados. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.



Figura 77: Placa afixada com ordens. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.



Figura 78: Placa com conteúdo ausente. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 08 de novembro de 2024.



Figura 79: Corredor repleto de placas de formatura. Fonte: Arquivo pessoal, 08 de novembro de 2024.

3. 3. Entrelaçando as informações

Recapitulando as informações obtidas pela análise do Modelo Gamma, o que temos é uma edificação distributiva e assimétrica. Como já dito por Brandão (2015, p. 121), há similaridades entre escolas, manicômios e hospitais, onde as estruturas acabam apresentando algumas semelhanças. Se tratando de uma escola, a arquitetura controla os corpos de quem a frequenta, dificultando o acesso a alguns espaços e criando outros para vigilância. Entretanto, essa não é a única informação capaz de ser obtida pela sintaxe espacial aplicada à planta do IFPI. Ainda que seja um ambiente controlador, posto que associado a uma sociedade de controle, como é a nossa, a quantidade de entradas e saídas, bem como, as diferentes possibilidades de caminhos a se percorrer no interior do prédio para acessar blocos e cômodos, indica que há uma certa liberdade de movimentação em como entrar e sair da edificação. Além disso, a presença de plantas em toda escola, gatos, bancos e mesas dispostos de forma fixas em alguns corredores (já que construídos de concreto), para fomentar a

sociabilidade, deixa o espaço ainda mais acolhedor, o que pode disfarçar o caráter controlador inicialmente esperado que a escola teria.

Em contrapartida, os resultados esperados da análise de intervenções em paredes trouxe conclusões interessantes relacionadas ao fenômeno das pichações na Instituição Federal, onde estas acabaram mostrando bem mais explicitamente como as pessoas que as frequentam são domesticadas. A pichação escolar só foi identificada em três locais diferentes: em um dos corredores de salas de aula (identificado na planta pelo número 8 e destinado, principalmente, aos cursos técnicos voltados para o ensino médio), nos banheiros dos estudantes (cômodo 90) e em quadros escolares na área de convivência próxima ao refeitório (cômodo 91). As pichações, ainda que existam, são feitas em materiais facilmente removíveis, algumas quase imperceptíveis por serem feitas a lápis. O único local em que os grafismos são mais visíveis são os encontrados na área de convivência, porém são feitos em um quadro branco que parece ter sido destinado pela direção a este fim, o que também significa que ele e o seu conteúdo podem ser removidos do local, também, caso a instituição queira. Ou seja, os poucos atos de rebeldia encontrados no IFPI demonstram os resquícios de controle que a sintaxe espacial flexibiliza. Não foram encontradas pichações nas salas de aulas e com exceção dos banheiros, nas quais algumas paredes de divisórias foram rabiscadas com canetas e lápis, as demais foram feitas em lugares oficialmente permitidos, como as do corredor 91. Assim, da mesma forma que esperávamos mais controle quando analisamos a sintaxe espacial do prédio, também esperávamos mais contravenção no estudo das pichações, que não se realizou.

Visto o exposto, analisando ambas as materialidades, levanto o seguinte questionamento: que tipo de pessoas as paredes dos IFPI tem ajudado a formar?

E porque os homens, nesta visão, ao receberem o mundo que neles entra, já são seres passivos, cabe à educação apassivá-los mais ainda e adaptados mais ainda e adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados, para a concepção “bancária”, tanto mais “educados”, porque adequados ao mundo (Freire, 1987, p.36).

Ainda que a educação ofertada pelas instituições federais seja de qualidade, é importante lembrar que sua missão inicial era formar mão de obra qualificada. Ainda que exista uma liberdade perceptível de movimentos pelo prédio, é sugestivo o controle que as paredes expressam quando se analisa a forma como foram preenchidas por diferentes tipos de manifestações. Não se pode negar que o controle faz parte do discurso expresso por esta materialidade. A domesticação é percebida até nas contravenções observadas, que se mantém

retidas a poucos espaços, como os banheiros e quadros destinados a este fim pela administração.

Pensando sobre esse ensino que forma seres passivos, disciplinados e domesticados, recordo Paulo Freire (1987) e suas reflexões sobre a “educação bancária”, onde a educação é responsável por manter os corpos dóceis e capacitados para serem operários em indústrias. Como sugere esse pensador, esta é uma característica nacional do ensino formal no país e ele já propõe isso desde a década de 1980. Pelo exposto, entendemos que o IFPI é um exemplo desse quadro geral e não uma exceção, ainda que a qualidade da sua formação não esteja em questão nessa consideração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender o processo educacional do Instituto Federal do Piauí - Campus Teresina Zona Sul, a materialidade escolhida para análise focou nas paredes da instituição, considerando as manifestações presentes (pichações, cartazes e placas) e a sua espacialidade. O intuito foi explorar o papel da materialidade como agente no processo educativo local e reflexo de um tipo de processo ensino-aprendizado.

Seguindo a reflexão de Salerno (2006) - que questiona os modelos generalistas teóricos em Arqueologia Histórica, propondo que estes venham a ser complementados por modelos particularistas de estudo, os quais não se limitam a aceitar a dominação do sistema como inevitável - me senti provocada a buscar resistências, adaptações e ressignificações possíveis de serem percebidas a partir das paredes do IFPI. Com isso, minha pesquisa procurou identificar as camadas entre dominação e rebeldia observáveis em uma escola, a partir da sua materialidade.

O Modelo Gamma, aplicado ao estudo da arquitetura, tem sido utilizado em diferentes tipos de instituições, como manicômios, hospitais e prisões. Em muitas dessas instituições, a planta arquitetônica, não-distributiva e assimétrica, revela um controle sobre a movimentação dos espaços. Contudo, ao analisar o IFPI, percebi que, embora haja controle no espaço, ele permite uma certa liberdade de locomoção, com várias entradas e saídas. Além disso, o ambiente favorece a sociabilidade, com a presença de móveis urbanos e outros elementos que incentivam a interação social.

As manifestações encontradas nas paredes, no entanto, têm propósitos distintos, dependendo de sua categoria e representam diferentes grupos de pessoas que frequentam o local. As placas afixadas geralmente são placas de formatura de turmas passadas, algumas já deterioradas pelo tempo. Os cartazes, por sua vez, trazem informações sobre o funcionamento da instituição, como horários de aula e calendário acadêmico, além de orientações sobre saúde pública e campanhas de saúde mental. As pichações, por outro lado, são mais diversificadas, se concentram em espaços privados do prédio (como os banheiros) ou em áreas onde a intervenção foi oficialmente permitida, o que sugere uma certa domesticação, mesmo em atos de transgressão.

É importante ressaltar que a ficha utilizada nesta pesquisa foi criada durante o estudo das manifestações das paredes, constituindo uma metodologia nova para a análise dessas intervenções visíveis nas paredes escolares. Essa metodologia ainda está em processo de amadurecimento, mas foi um ponto de partida no sentido de operar este tipo de reflexão.

Além disso, a discussão sobre a materialidade nas escolas não se limita apenas à arquitetura ou às pichações, podendo se estender ao ambiente de sala de aula, ao uniforme ou até mesmo à alimentação. Penso que, em estudos futuros, devo me aprofundar nessas outras formas de materialidade associadas à comunidade escolar.

Considerando que ao longo de todo o meu trabalho adotei uma linguagem pessoal, em primeira pessoa e marcada pela subjetividade, peço licença para encerrar esta monografia da mesma forma, dedicando algumas linhas ao processo de escrita deste TCC.

Quando conversei com a Fernanda sobre o meu tema, a única ideia que se manteve foi a de estudar a arqueologia da arquitetura em escolas, completamente inspirada pela tese de doutorado de Andrés Zarankin e, em parte, pela disciplina de Tópicos da Cultura Material e a Agência das Coisas. No entanto, as temáticas abordadas mudaram ao longo do tempo.

Embora a escolha do IFPI não tenha sido uma decisão inicial, pois não queria estudar a escola em que passei o ensino médio, foi essa instituição que aceitou colaborar com a minha pesquisa. As motivações para essa escolha se basearam em experiências pessoais que vivi na adolescência, embora, hoje em dia, eu tenha uma visão diferente sobre esses eventos. Não foram quatro anos terríveis, mas a escola na juventude sempre é um desafio.

Voltei ao IFPI no início de 2024, quatro anos depois de me formar e no último ano de graduação. Como as outras tentativas de estudar escolas foram frustradas, minha orientadora me convenceu de que, por ter estudado lá, talvez fosse mais fácil obter a planta arquitetônica e acesso para realizar meus desenhos.

Além da planta, senti o apoio da própria instituição para a realização da minha pesquisa. As emoções negativas que carreguei ao longo dos anos foram misturadas a uma nova sensação ao retornar. Frequentar o IFPI com a intenção de realizar uma pesquisa é uma experiência muito diferente de quando fui aluna. Esse retorno também enriqueceu minha pesquisa, pois me permitiu perceber as manifestações nas paredes, uma ideia que surgiu na minha primeira visita, quando pude acessar espaços onde nunca havia entrado. A ideia também foi alimentada pelo contraste entre as percepções que a minha orientadora expressava do lugar e as minhas próprias, quando ali estudei. Como fiz o curso técnico em Vestuário, meu acesso aos laboratórios era restrito ao que meu curso permitia e poder entrar em diferentes ambientes ampliou minha visão sobre o local. Foi legal poder descobrir espaços que eu, como aluna, não poderia frequentar. Além disso, pude reparar em detalhes que não existiam enquanto estudava lá, como também enxergar de outra forma coisas que eu via todo dia.

Assim, escrever este TCC não foi apenas um requisito para a conclusão do curso, mas também um processo de reflexão sobre minha adolescência, sobre como o IFPI me afetou e sobre como eu interpretei o controle vivido naquele ambiente.

Com isso, encerro esta monografia, refletindo sobre o amadurecimento necessário para chegar até estas páginas. Em alguns momentos, a experiência foi gratificante; em outros, frustrante e desconfortável. Mas, como diz a Taylor Swift em *The Manuscript* (2024), “De vez em quando, releio o manuscrito, mas essa história não é mais minha.”

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, Gonçalves de Carvalho. Da Matéria à Materialidade: Breves reflexões sobre a relação da Arqueologia com a Cultura Material. *Almada*, série II, n. 18, p. 21-27, julho-2013.
- AMORIM, Mônica Maria Teixeira. *A Organização dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no Conjunto da Educação Profissional Brasileira*. 2013, 245 f. (Tese de Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- AQUINO, Rosivânia de Castro. *Entre o Sagrado e o Profano: Um mundo por trás das grades*. 2017, 121 f. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.
- ARANTES, Antônio. O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. *Habitus*, v.4, n.1, p. 425-435, janeiro/junho 2006.
- BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia brasileira. *REVISTA USP*, São Paulo, n.44, p. 32-51, dezembro/fevereiro 1999-2000.
- BEZERRA, Antônio Luiz Moreira. *Teresina tem a melhor educação básica entre todas as capitais*. Assembleia Legislativa do Estado do Piauí, 2022. Disponível em: <https://www.al.pi.leg.br/tv/noticias-tv-1/teresina-tem-a-melhor-educacao-basica-entre-todas-as-capitais>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.
- BRASIL. *Lei n.º 9.605, de 12 de fevereiro de 1998*. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 13 fev. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Acesso em: 27 de novembro de 2024.
- BRASIL. *Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008*. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Diário Oficial da República Federativa do Brasil: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 30 de dezembro de 2008.
- BRASIL. *Lei n.º 12.408, de 25 de maio de 2011*. Altera as Leis nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e nº 5.700, de 1º de setembro de 1971; e revoga o § 3º do art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 26 maio 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112408.htm. Acesso em: 27 de agosto de 2024.
- CORRÊA, Marcus Vinicius de Miranda. Da Capela Carmelita à Catedral Metropolitana de Manaus (AM): uma arqueologia da arquitetura. *Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 17, n. 3, p. 591-607, 2007.
- COSTA, Catarina. *Teresina é a capital do país com melhor educação pública do ensino fundamental, aponta IDEB*. G1 PI, 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/09/15/teresina-e-a-capital-do-pais-com-melhor-educacao-publica-do-ensino-fundamental-aponta-ideb.ghml>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

ELOY, Sara. Ferramentas de apoio à análise da geometria do espaço arquitetônico: sintaxe espacial e gramática da forma. *Revista Aproped*, n. 29, p. 3-14, 2011.

ÉRNICA, Maurício. Desigualdades educacionais no espaço urbano: o caso de Teresina. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, n. 54, julho-setembro, 2013.

Escolas particulares ultrapassam carga horária e ofertam mil horas anuais. Portal o Dia, 2017. Disponível em:

<https://portalodia.com/noticias/educacao/escolas-particulares-ultrapassam-carga-horaria-e-ofertam-mil-horas-anuais-309864.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107p.

FUNARI, Pedro Paulo. Heterogeneidade e conflito na interpretação do Quilombo dos Palmares. *Revista de História Regional*, v.6, n.1, 2001.

HADDAD, Fernando. *O Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas*. Textos para Discussão, Brasília: INEP, n. 30, 2008. Disponível em:

<https://td.inep.gov.br/ojs3/index.php/td/issue/view/341>. Acesso em: 27 de novembro de 2024.

Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB. DadosPI, 2024. Disponível em:

<https://dados.pi.gov.br/educacao/indice-basico-de-desenvolvimento-da-educacao-basica-ideb/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

INOJOSA, Leonardo da Silva Pirillo. *O protagonismo da estrutura na concepção da arquitetura moderna brasileira*. 2019. 252f. (Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

ISNARDIS, Andrei. Pinturas Rupestres Urbanas: uma etnoarqueologia das pichações em Belo Horizonte. *Revista de Arqueologia*, v. 10, p. 143-161, 1997.

LEITE, Rogério Proença de Sousa. *Espaço público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife antigo*. 2001. 399f. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

LEMONS, Caroline Murta. *Arquitetando o terror: um estudo sensorial dos centros de detenção oficiais e clandestinos da ditadura civil-militar do Brasil (1964-1985)*. 2019. 384f. (Tese de Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

LIMA, Tânia Andrade. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS. v. XXVIII, n. 2, p. 7-23, dezembro-2002.

LIPP, Marilda E. Novaes; ARANTES, João Pedro; BURITI, Maria do Socorro; WITZIG, Telma. O estresse em escolares. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 6, n.1, p. 51-56, 2002.

LIRA, Aline Vilarinho Brandão. *Difusão da arquitetura moderna: a obra do arquiteto Antônio Luiz Dutra de Araújo em Teresina*. 2018. 247f. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 2019.

LOPES, Isabela. *Enem 2022: aluna de Teresina tira nota mil na redação*. Portal O Dia, 2023. Disponível em: <https://portalodia.com/noticias/teresina/enem-2022-aluna-de-teresina-tira-nota-mil-na-redacao-397034.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

LOSCHI, Marília. *Questão de gênero: indicadores de saúde mental são piores para as meninas*. Agência IBGE, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31606-questao-de-genero-indicadores-de-saude-mental-sao-piores-para-as-meninas>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

MORAES, Ana Luísa. *Índices de ansiedade estão altíssimos em escolas brasileiras*. Veja SAÚDE, 2017. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/ansiedade-estresse-altos-escolas-brasileiras/>. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

MORAL, Bruna Gil. *Plantas de Casas Modernas: 80 Projetos Originais*. Arkpad, 2020. Disponível em: <https://arkpad.com.br/plantas-de-casas-modernas/>. Acesso em: 10 de março de 2024.

MOREIRA, Juliana Maria Brandão. *Arqueologia da Loucura: Narrativas alternativas, cultura material e história do Hospital Colônia de Barbacena*. 2021. 219 p. (Tese de Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MOREIRA, Juliana Maria Brandão. *Arquitetura que enlouquece: Poder e Arqueologia*. 2015. 150 p. (Dissertação de Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

NAJJAR, Rosana; DUARTE, Maria Cristina Coelho. *Manual de Arqueologia Histórica em Projetos de Restauração*. 1ª ed. IPHAN, 2002.

NASCIMENTO, Luiz Henrique Pereira. *Pixação: a Arte em Cima do Muro*. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.

OZELIM, Juliana; HOLANDA, Frederico. Teoria da Sintaxe (TSE) e Caminhabilidade: Uma breve Revisão Sistemática da literatura. *Revista de Morfologia Urbana*, v. 12, n. 1, 2024.

PASSOS, Lara de Paula. *Arqueopoesia: uma proposta feminista afrocentrada para o universo arqueológico*. 132 p. (Dissertação de Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SALERNO, Melissa. *Arqueología de la Indumentaria: Prácticas e Identidad en los Confines del Mundo (Antártida, siglo XIX)*. 1ª ed. Buenos Aires: Del Tridente, 2006.

SILVA, Samara Mendes Araújo. “Educando gerações a serviço da vida: Práticas educativas e os educadores nos colégios confessionais católicos no século XX. *Anais Eletrônicos do IX*

Congresso Brasileiro de História da Educação, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SOUSA, Sara Raquel Cardoso Teixeira de ; SILVA, Bruna Oliveira; ANDRADE, Carlos Sait Pereira de. *Estudo climatológico, arquitetônico e pedagógico nas escolas públicas estaduais da cidade de Teresina - PI*. In: 14 Encontro de Geógrafos da América Latina - Perú 2013, 2013.

SOUZA, Camila Diogo de; DIAS, Carolina Kesser Barcellos. Arqueologia e Antropologia da agência: fundamentos da agência nos estudos da cultura material. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 208–226, 2022.

SOUZA, Rafael de Abreu. Pixações sob a ótica da Arqueologia Urbana. *Revista de Arqueologia Pública*, n. 8, p. 135-156, Dezembro - 2013.

ZARANKIN, Andrés. *Paredes que Domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista: O caso de Buenos Aires*. 2001. 255 p. (Tese de Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.